

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

REVERBERANDO AFETOS E POTENCIALIZANDO PROCESSOS
CRIATIVOS PELO COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES EM SALA
DE AULA

ANA LUIZA SANTOS TIZZO

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação - UFU, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Uberlândia - MG

Abril, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

REVERBERANDO AFETOS E POTENCIALIZANDO PROCESSOS
CRIATIVOS PELO COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES EM SALA
DE AULA

ANA LUIZA SANTOS TIZZO

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação - UFU, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho

Uberlândia - MG

Abril, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T625r
2019 Tizzo, Ana Luiza Santos, 1993-
Reverberando afetos e potencializando processos criativos pelo compartilhamento de emoções em sala de aula [recurso eletrônico] / Ana Luiza Santos Tizzo. - 2019.

Orientadora: Daniela Franco Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.997>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Empatia. 3. Outro (Filosofia). 4. Emoções. I. Carvalho, Daniela Franco, 1974-, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU:37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ATA DE DEFESA

Defesa de:	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ACADÊMICO, 14/2019/684, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED				
Data:	Vinte e seis de abril de dois mil e dezenove	Hora de início:	15h:20min	Hora de encerramento:	16h:40min
Matrícula do Discente:	11712EDU004				
Nome do Discente:	Ana Luiza Santos Tizzo				
Título do Trabalho:	"Reverberando afetos e potencializando processos criativos pelo compartilhamento de emoções em sala de aula"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	ARTE, TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E MÍDIAS: DO OBJETO NO MUSEU PARA O SUJEITO QUE EXPERIMENTA				

Reuniu-se na sala 1G Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Leandro Belinaso Guimarães - UFSC, Camila Lima Coimbra - UFU e Daniela Franco Carvalho - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa Dr(a). Daniela Franco Carvalho apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se

desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título descrito na tabela acima. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/04/2019, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Lima Coimbra, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/04/2019, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Belinaso Guimarães, Usuário Externo**, em 26/04/2019, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1200391** e o código CRC **7F657013**.

RESUMO

Vivemos em uma sociedade líquida, tudo é fluido, inclusive nossas relações sociais. Por meio do cajón, uma metodologia de compartilhamento de emoções em sala de aula, esse trabalho buscou criar brechas em meio a essa liquidez. Foi realizado um encontro com alunos da disciplina de Ciências e Mídias, do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, onde por meio da pesquisa narrativa observamos os depoimentos e dialogamos com Bakhtin, Bauman e Spinoza. A partir das narrativas, concluímos que em um ambiente onde a empatia e alteridade se materializam, criamos um ambiente de respeito, livres de estereótipos e com menos julgamentos. Ao assumir esse posicionamento perante uma sociedade onde tudo se troca, passamos a agir com responsabilidade, vivendo uma vida sem álibis. Nos tornamos livres, e na liberdade somos potências. Potências de criação.

Palavras-chave:

Empatia. Alteridade. Criação. Emoções.

ABSTRACT

We live in a liquid society, everything is fluid, including our social relations. Through the cajón, a methodology of sharing emotions in the classroom, this work sought to create loopholes in the midst of this liquidity. A meeting was held with students of the discipline of Sciences and Media, of the course of Biological Sciences of the Federal University of Uberlândia, where through narrative research we observed the statements and dialogued with Bakhtin, Bauman and Spinoza. From the narratives, we conclude that in an environment where empathy and otherness materialize, we create an environment of respect, free of stereotypes and with less judgment. By assuming this position before a society where everything is changed, we act responsibly, living a life without an alibi. We become free, and in freedom we are powers. Creative powers.

Key words:

Empathy. Otherness. Creation. Emotions.

Gratidão

Dedico essa página a todos que de algum modo perpassam a mim e a esse projeto.

Aos meus pais, Delva e João e minha irmã Mariana, por serem fonte eterna de amor e inspiração. Por sempre confiarem em meus sonhos e em minhas loucuras. Por possibilitarem a menina-moleca-mulher ser quem ela é. Obrigada por me guiarem pelas estradas da vida e por ensinar o verdadeiro valor dela.

Ao meu namorado, Gabriel, por todo apoio, amor e carinho. Pelas injeções diárias de ânimo e por acreditar até mesmo quando não acreditava. Obrigada por dividir e construir esses momentos comigo.

Aos meus afilhados, Heitor e Bernardo, por colorirem meus dias e mostrarem a beleza das pequenezas da vida.

À Daniela, amiga, irmã e orientadora da vida. Agradeço aos caminhos que me levaram até a ti. Pelas risadas, viagens, conselhos, densas reflexões e sambas. Hoje sinto a vida no ritmo e na alegria do samba. Obrigada por confiar em mim e por ajudar a enxergar a vida pelas lentes da ternura e generosidade.

Aos cajóns que me permeiam e que tornaram possível a transformação do meu eu. À Camila, Maria, Elliot, Luiza, Lucas, Higor, Ingrid, Tiago, Gabriel, Marcos, Gabriella, Cecília, e tantos outros que hoje se encontram em mim. Aos meus amigos, pela alegria e companheirismo.

Hoje sou, por vocês serem. Me encontro perfurada por cada história, sorriso, abraço e carinho. Me faço junto a vocês, no coletivo. Pela alteridade. Obrigada a todos por mostrarem diariamente a força dos afetos, e que somente por ele nos movemos.

Sumário

Antes de tudo,	7
Um pouco de mim	8
Uma escrita inquieta	12
Leituras que se fizeram presentes para o futuro de um escrito	17
Cajón	24
A criadora e a criação	30
Penetrando em frestas	34
Movimento e estrutura do cajón	35
Esboçando o encontro	36
O encontro	38
Depoimentos	41
Diálogo com o encontro	71
Após tantas batucadas	83
Referências	84

Antes de tudo,

gostaria de começar a minha escrita abordando a pesquisa narrativa, pois todo o movimento que apresentarei, perpassa por ela. Vem ao encontro do dizer de si, e está presente desde o começo do meu contar. A dinâmica desse texto foi inspirada pela pesquisa narrativa de Connelly e Clandinin. O que conto de mim, de minhas vivências, do meu narrar já é pesquisa narrativa. As linhas escritas que virão são todas organizadas nessa perspectiva.

“Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

Indo ao encontro do pensamento desses autores, onde o pesquisador se faz protagonista na pesquisa, trago com certa densidade algumas colocações sobre minhas angústias e motivações que me levaram a trabalhar com essa temática. Após esse narrar, sobre mim e sobre minhas inquietações, faço um breve passeio por algumas leituras que me conduziram para um maior entendimento do nosso contemporâneo. Todo acompanhamento das aulas, os cajóns, o encontro, meu pensar, minha escrita, isso tudo, vem das minhas experiências vividas e é articulada pela pesquisa narrativa. Assim, sempre estarei em processo de narração¹. Então, vamos lá!

¹ “Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.49).

Um pouco de mim

Meu interesse e paixão pelas Ciências Biológicas me acompanha desde o momento que a disciplina Ciências foi mostrada a mim. Sempre somos inspirados por pessoas e comigo não foi diferente. Fabiana ministrava Ciências para as turmas de sexta série, hoje conhecida como 7º ano. Lembro de ficar encantada com suas maravilhosas ilustrações feitas na lousa, desenhava os cinco reinos dos seres vivos que ficava deslumbrada. Cada reino ensinado e cada animal desenhado, carregava uma história, um modo de vida, uma alimentação e interações. À medida em que contava, mergulhava nesse universo biológico junto com ela, ansiava por suas aulas e pelas curiosidades que trazia. Eu queria aquilo, queria saber o que ela sabia, queria contar as histórias que ela contava e mais. A cada ano que se passava, adentrava ainda mais nesse universo e tinha ainda mais certeza do que queria.

Fui crescendo, vendo séries de biologia forense, laboratórios e delirava com a possibilidade de um dia fazer essas coisas. Cheguei ao terceiro ano do Ensino médio com a certeza do curso, e assim aconteceu. No ano de 2011 ingressei no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, começando minha jornada de descobrimentos e redescobrimientos.

Logo no segundo período, comecei a fazer estágio em um laboratório de química orgânica, trabalhando com espectrometria de infravermelho dos constituintes químicos e prospecção fitoquímica preliminar de sementes. Após um ano vi que a rotina daquele laboratório e os seus estudos não me estimulavam mais, com toda a gratidão pelo conhecimento aprendido durante esse tempo, resolvi sair e ir em busca de outras áreas.

No ano de 2013, encontrei a professora Leticia Caravita do Instituto de Biologia, com a qual desenvolvi o projeto de propagação de arbóreas nativas visando a restauração de áreas degradadas do Cerrado, utilizando a técnica de micropropagação. No mesmo ano, entrei para a Minas Bio, empresa júnior do Curso de Ciências Biológicas e também para o Museu de Biodiversidade do Cerrado, atuando como mediadora. As idas ao campo e ao laboratório começaram a ficar penosas e aquele desânimo começava a surgir novamente. Em fevereiro de 2014, finalizei o projeto com a professora, que acabou sendo transferida para outra Universidade.

Em agosto de 2014 voltei a procurar outro estágio em laboratório, estava cega e continuava nessa insistência e nessa vontade que tinha quando adolescente. Não conseguia enxergar as mudanças pelas quais fui passando durante minha graduação. E mais uma vez, lá fui eu. Comecei a participar de outro laboratório no Instituto de Agronomia, desenvolvendo o projeto que procurava elementos-traços em veredas do Triângulo Mineiro. Mais uma vez, as idas a campo que antes eram penosas, começaram a se tornar uma tortura, só de pensar que no próximo dia teria que ir ao campo ou ao laboratório ficava aflita, agoniada, mas continuava lá...insistindo em algo que sabia que não queria mais. Foi preciso um terrível episódio, onde quase coloquei fogo em uma estufa no bloco de Agronomia para que me desse a coragem necessária para dar um basta. A rotina de laboratório e campo já não me pertenciam, não me encantavam mais.

Mas o que fazer agora? Último ano de faculdade e precisei me repensar e pensar no que estava ao meu redor e que não estava enxergando como deveria. Em todas as viagens que já havia feito, sempre visitava os museus da cidade, era um hábito, mas nunca tinha parado para pensar que dentro da Biologia poderia estudar museus. Como fui mediadora no Museu

de Biodiversidade do Cerrado (MBC), entrei em contato com a Educação em espaços não-formais e tive a oportunidade de viajar com os professores da educação básica para Belo Horizonte, visitando outros museus e também o Instituto Inhotim, como não se encantar? Estava imersa no mundo museal e não estava me dando conta disso, que um *hobby* poderia ser mais que um *hobby*.

Para isso, precisei encontrar alguém que topasse me aceitar como sua nova orientanda, e ninguém melhor na área de museus e disposta a novas aventuras do que a professora Daniela Franco Carvalho do Instituto de Biologia, ela era a coordenadora do MBC e fundadora do grupo MMuCCCE² (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação), junto com a professora Lucia de Fátima Dinelli Estevinho. Era ela! Criei coragem, coloquei uma presilha meiga no cabelo e fui conversar. Uma delícia de encontro e conversa, minha motivação antes tão perdida voltava a mim. Comecei a participar das reuniões do MMuCCCE e desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso no MBC com o tema "Experiências em museus possuem a capacidade de evocar memórias em um público de terceira idade?". Apresentei meu TCC com uma alegria, gratidão e sentimento de realização enorme pelos momentos vividos.

Após essas vivências, estava mais imersa do que nunca no mundo dos museus, o que me levou a continuar meu estudo sobre eles e a me ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação, com o projeto intitulado "Os museus para além do visível: memórias e risos".

Devem estar se perguntando após ler outro título na capa, "Mas o porquê ela mudou de ideia?" Não, não deixei de me encantar por museus e muito menos pelo meu projeto

² <https://www.facebook.com/estudiomucce/>

inicial, deixá-lo não foi uma decisão fácil, mas foi preciso. No momento outras importâncias gritam, minha mudança de projeto se deve às mudanças que ocorrem em mim, de minhas necessidades. Esse foi um resumo do meu pequeno trajeto, da Ana antes do incidente na estufa e após. Incidente crucial para que hoje me encontrasse aqui, junto a vocês.

Agora, espero que se deliciem com a leitura!

Uma escrita inquieta

Começo essa escrita por meio de minhas vivências. Vivências experimentadas, as quais fizeram borbulhas de vontades em mim. Vontades que gritam e se retorcem. Que deixaram sinais, onde junto ao meu corpo foram moldados e fundidos. Alguns tão embrenhados, que confundo com os longos fios de cabelo que me acompanham. Histórias vividas e presenciadas. Incômodos observados nos detalhes, nas entrelinhas, ou até mesmo escancarados.

Escrita de um eu que passa por redescobrimientos, junto a um sentimento de bagunça, mas bagunça boa. Bagunça do despertar, que desamarra as próprias amarras. É um tromba-tromba de pensamentos. O que antes parecia estar no lugar, agora já se encontra em outro. Um eu que agora escreve com inquietude, compartilha desabafos. Eu que se move. Eu em uma jornada pessoal.

Coloco tudo isso em linhas escritas, como uma maneira de dar forma aos gritos e sussurros presenciados, aos olhares de clemência, ao que não é dito entre falsos sorrisos. Fazer algo com minhas vontades, deixando que as borbulhas estourem. Me arrisco a dizer que a observação se tornou uma companheira e aliada nos últimos tempos, me ajudando a ter esse auto despertar, comigo e com os outros, outros que hoje se fazem em mim por terem compartilhado mesmo que despercebidos algo que me perpassa e me compõe.

Conversas em rodas de bar, situações na mesa ao lado, um passeio ao shopping, alguém conhecido, meus relatos, várias vidas e uma disciplina. Entre lugares e percepções. Narro agora, momentos e memórias de outros, momentos e memórias de mim. Começarei com quatro palavras, que

atravessam essas situações e as coloco como uma maneira de ir apresentando as histórias entorno delas.

Palavras que estão tão presentes e por mais assustadoras que soem, soam de forma banal. E ressoam em nossas relações³. Palavras estas que apresento agora: Objeto-descarte; Cegueira; Inacessível e Solidão.

Começo com o descarte. Quantas vezes nos sentimos como objetos-troféus nas mãos de outras pessoas?! E como todo objeto somos descartados? Sinto que somos avaliados pelo que temos a oferecer, ser consumido e depois trocados por algo que proporcione novos outros. Um simples "Oi!", vem carregado de interesses, de conveniências. Não generalizo, apontando que todas as nossas relações são construídas em cima de egoísmos, pois a vida me levou a compreender que sempre existem as exceções. Mas aqui relato momentos presenciados e escutados, onde há uma busca pelo próprio prazer, pelo próprio desfrute. Relações que não duram mais do que o tempo que a conveniência traz. Arrisco até a dizer que estamos em uma era de narcisos. E como narcisos buscamos a satisfação de nossas necessidades, tanto pessoais, como profissionais. Estamos negociando nosso interesse em favor próprio e apenas.

Narro agora uma pequenina situação, onde acredito que todos já passamos: "Época de colégio, prova em dupla. Quem nunca foi trocado por alguém que considerava seu amigo, mas que optou por escolher o coleguinha ao lado pela nota que lhe proporcionaria e não você pela simples camaradagem compartilhada no dia a dia?! Sofremos descartes desde pequenos, e até hoje, acredito eu, não aprendemos a lidar muito bem com isso (ainda bem!!!). Ainda bem que ser escolhida ou escolher apenas pelo que tenho a oferecer

³ Relações humanas não somente amorosas, mas para além. Relações de empatia, de alteridade, do que é do outro.

continua não sendo algo normal para mim ou para você, como se enxergássemos o outro como embalagens de um produto, aonde vem em destaques com letras maiúsculas os benefícios a oferecer e tivéssemos sempre a opção de descartar ou não.

Mas quem dera se hoje o descarte se resumisse a essas pequenas trocas de crianças. Hoje o descarte envolve meu corpo e para além dele. Quando sou vista como um objeto sexual e meu corpo é pressionado a seguir padrões, isso me incomoda, me violenta. "Quem não quer se sentir desejável e disputada, não é mesmo?!". Tenho que ser bonita! Quantas vezes ao dia somos pegos por estarmos idealizando tais padrões? A roupa usada por uma blogueira famosa, um cabelo longo e platinado, sensualidade e delicadeza exigida em todos os movimentos.

Para ser amada, preciso ser desejável? As duas coisas parecem estar tão unidas, que chega a ser assombroso. E como assombra! Estamos na corrida para ver quem ganha a taça do melhor objeto disposto na prateleira, e o objeto somos nós. Nos esforçamos para alcançarmos os moldes e não sermos descartados por outro "objeto" melhor. Nos tornamos competidores, e isso afeta nossas relações sociais. Uma eterna busca de moldes. Somos objetificados e nos objetificamos. Quem fará a melhor propaganda sobre si mesmo?

Quarto branco

Desnuda. Só. Frio. Me estico na maca. Braços abertos. À mercê. Agulhas. Veias. Perguntas vazias. Conversas paralelas sobre alguém em comum a eles, e a mim, só me fez sentir mais só. Me senti inundada por um sentimento antes nunca sentido com tamanha intensidade. Eu era apenas mais um corpo ali, prestes a ser aberto, invadido e costurado. Foi para o bem, eu sei. Mas quando voltava a mim, quando a anestesia se esvaía, ali...naquele corpo costurado, não

faltava apenas um órgão, faltava a velha sensação de aconchego. Aconchego que abraça.

E assim, me senti um corpo-objeto novamente. Manipulada como uma boneca de pano, ou melhor, mais uma dentre várias outras bonecas que ali passariam. Não os culpo diretamente, ou os crucifico por tamanha insensibilidade. É apenas o trabalho deles, e como todo trabalho, nos acostumamos, e ao acostumar, o que antes eram pessoas singulares, passam a ser apenas mais um protocolo à mesa. Sorte a minha, que entre corredores e pacientes, uma enfermeira, que a memória não guardou o nome, mas guardou o mais importante daquele singelo momento, o sentimento de um simples parar, olhar, ouvir e ajudar. Um gesto pequeno, mas que tinha uma força e destoava de outros gestos já endurecidos pela rotina. Um gesto de zelo com o outro.

O que falo aqui são apenas pinceladas em que nos vemos em situações-descartes-objeto. Pois sabemos que atrás desta palavra existe uma enorme intensidade. Intensidade que pretendo não apenas pincelar durante o trabalho, mas realmente pintar uma tela ao final dele.

Passo para a próxima palavra: Cegueira - me senti totalmente cega perante aos desabafos de um amigo. Como é fácil estar junto e não enxergar o outro. É um estar com e não estar ao mesmo tempo. É viver trocando ideias, mas não trocando essências. É ver a casca, mas não o miolo. É um pensamento de "Onde estava esse tempo todo que não te vi, meu caro." Única resposta: estava tão profundamente mergulhada em mim, que não consegui subir à superfície e te ver. A partir desse dia, algo despertou. Comecei a prestar mais atenção aos detalhes dos que se encontravam em minha rotina e também dos que não se encontravam. Um cuidado de olhar com extrema sutileza, tentando enxergar além dos pré-conceitos e julgamentos tão enraizados em mim.

Inacessível: ele notou que assim estava quando nada mais o sensibilizava. O corriqueiro tornou-se seu fiel escudeiro. Já não repara em detalhes singelos. Falta cores em suas emoções. Emoções que se encontram minguantes e que minguam ainda mais ao ter outros encontros inacessíveis.

Por fim: Solidão - sozinho em uma praça recheada de pessoas. Sua necessidade de afeto era tão grande que bastou um bilhete inocente, mas bem endereçado de um jovem, para lhe fazer correr lágrimas de gratidão e ternura. Contraditório viver em um mundo onde mal conseguimos andar desacompanhados, sendo sempre vigiados e mesmo assim nos sentirmos tão só. Solidão que arrebatava. Que grita!

Esses pequenos compartilhamentos que agora os fiz, são apenas algumas borbulhas do imenso mar que me compõe. E os compartilhei com o intuito de demonstrar as pequenas-grandes coisas que me movimentaram a ter o desejo de inquietude e que me levaram a sair em busca de um novo seguimento que repercutisse os meus anseios.

Nesse desassossego, na ânsia por encontros, me deparei com o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman. Meu primeiro contato com Bauman, foi através da leitura do seu livro "Amor Líquido - Sobre a fragilidade dos laços humanos". Uma leitura onde fui exposta à dura realidade da nossa sociedade contemporânea.

Percorrendo as páginas, me dou conta e fico espantada com a facilidade de entrarmos no conformismo com a situação ali evidenciada. Com a capacidade de após 192 páginas, fecharmos o livro com o pensamento de que SIM, as coisas são e estão dessa forma. Mas não! Fecho o livro com o pensamento de ir na direção oposta, na contramão do que ali está exposto.

Leituras que se fizeram presentes para o futuro de um escrito

"A era da modernidade líquida em que vivemos - um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível - é fatal para nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos" (Bauman, 2008)⁴.

Líquido. Fluido. Que escorre por entre os dedos. Assim pode ser definida nossa sociedade segundo Bauman. Vivemos na Modernidade Líquida. Tudo é temporário, efêmero. Em uma entrevista realizada em 2004, por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke⁵, ao ser questionado sobre se essa pós-modernidade sugere um novo período da história, ele responde:

"Diferentemente da sociedade moderna anterior, que chamo de "modernidade sólida", que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sendo permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "auto-evidentes". Sem dúvida a vida moderna foi desde o início "desenraizadora", "derretia os sólidos e profanava os sagrados", como os jovens Marx e Engels notaram. Mas enquanto no passado isso era feito para ser novamente "re-enraizado", agora todas as coisas - empregos, relacionamentos, know-hows etc. - tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis."

⁴ Apresentação na contracapa do livro Amor Líquido - Sobre as fragilidades dos laços humanos

⁵http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015

Em nossa modernidade líquida não temos padrões de referências, códigos sociais e culturais permanentes, cada um está por sua própria conta e risco nessa correnteza, lutamos para sermos inseridos em uma sociedade ainda mais seletiva economicamente e socialmente, numa sociedade em constante mudança. O que antes se sustentava por segurança, confiança e ideia de comunidade, hoje se transforma em desconfiança, insegurança e uma intensa busca pela individualidade.

Segundo Carvalho (2014, p.3), "uma sociedade em que não se tem mais aquela noção de comunidade, de compartilhamento coletivo, mas sim uma exarcebação da individualidade, compreendida sobretudo por seu aspecto econômico, isto é, entendendo o cidadão somente na sua dimensão do consumidor". E o consumo reflete na busca por essa individualidade.

O documentário "Minimalismo: Um documentário sobre as coisas importantes⁶", lançado em 2016 nos Estados Unidos, com direção de Matt D'Avella, demonstra a loucura do consumismo nos dias de hoje. Promoções, Black Friday, queima de estoques, situações onde nos deparamos com quilômetros de filas, todos a espera para que as portas se abram. E quando abrem, literalmente presenciamos cenas de horror, pessoas tropeçando e empurrando umas as outras em busca do conteúdo na prateleira. Conseguimos o objeto de desejo, mas logo é lançado um mais potente, com mais recursos, e lá vamos nós mais uma vez. Insaciáveis!

Em uma fala do documentário é questionado: "Será que compramos para preencher um vazio? Estamos vivendo por coisas e não de fato?". Uma indagação profunda e que nos faz refletir se pararmos para pensar no nosso próprio estilo de

⁶<https://www.netflix.com/watch/80114460?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C5ae1ea17-890d-4645-94b0-94a68dc83e63-11590665%2C%2C>

vida. Chegamos em um ponto no qual já não queremos o carro, mas sim a sensação do que ele trará. Temos a falsa promessa de que mercados vendem felicidade. É uma busca inalcançável, pois se não podemos chegar a um estado de felicidade duradouro, a solução é continuarmos comprando. A moda da vez são os vídeos super viralizados na plataforma @YouTube com o nome de "Quanto custa o outfit?", onde jovens colocam preços nas roupas que estão usando, ao final é feito uma soma do valor total de todas as peças para saber quanto custa o "outfit", ou no português, a roupa do momento. Os valores ultrapassam 5, 10, 300 mil, como se o valor estivesse naquilo que vestimos. O ter se torna mais importante do que o "ser".

O problema não está apenas no consumismo, mas sim no consumismo compulsório. As coisas estão mais baratas, portanto mais disponíveis, e se compra online onde e quando quiser, é imediato. Nesse movimento de gasto e mais gastos, de trocas pelo último modelo lançado, o consumo é passageiro e se esvai com o fim do desejo, refletindo e ecoando na construção do sujeito, onde ele também se torna algo móvel, passageiro.

"Numa incessante busca do seu bem-estar e uma supervalorização do EU, o indivíduo moderno torna-se frágil e vulnerável á medida que se fecha para o outro e imerge dentro de si. Esse individualismo estimulado pelo consumismo foi esvaziando o sujeito a tal ponto que ele já não tem mais forças para lutar pelos ideais comunitários e transfere a responsabilidade política para os partidos por não ter tempo disponível para a "res publica" estando envolvido nos seus próprios negócios, em seu mundo, cuidando dos seus interesses" (CRUZ, 2011, p. 43).

Mergulhando nessa liquidez nos tornamos seres consumidores, e como consumidores de mercadorias temos que tudo pode ser consumido e descartado, desde o emprego até as relações, onde as relações se tornaram frágeis e descartáveis. Para Bauman, esse consumo desenfreado, a busca

por novidades, a vontade de saciar o prazer imediato mudou a forma como nos relacionamos.

"[...] ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A "subjetividade" do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores - ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta - é a *transformação dos consumidores em mercadorias*" (BAUMAN, 2008, p. 20).

O desfalecimento das habilidades sociais é um sucesso da ofensiva do mercado, um triunfo. Nosso estilo de vida de consumo, nos faz ver o outro como mercadoria - objeto, apenas para o prazer. Nisso, os valores intrínsecos do outro e sua singularidade estão desaparecendo de vista. Estamos tendo a perda da solidariedade humana (Bauman, 2004, p. 97-98).

Esse é o principal ponto da discussão que me levou a ter todo esse movimento e trazer para o projeto. A objetificação das pessoas! A facilidade com que temos de descartá-las como se fossem mercadorias, de nos reconhecermos socialmente apenas pelos bens que possuímos. Nossas relações estão afetadas, estamos seguindo a mesma linha de troca do mercado. Não serve mais, troco!

Bauman (2004, p. 12) acredita que os laços de uma sociedade agora se dão em rede, não mais em uma comunidade. Para ele, nós não nos relacionamos e sim nos conectamos, pois na mesma facilidade em que um clique inicia nossa "relação", ele o termina. Conexões frouxamente atadas, prontas para serem desfeitas. Vínculos como mercadorias. Detestamos tudo que é durável, queremos o uso instantâneo.

Em um trecho do livro "Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos" é comentado sobre "As relações de bolso",

assim chamadas porque você as guarda no bolso de modo a poder lançar mão delas quando for preciso. Relações doces e de curta duração. Doces justamente por serem de curta duração, segundo Catherine Jarvier⁷. Neste mesmo livro, Bauman (2004, p. 23) consegue ir ainda mais fundo quando diz que hoje em dia os filhos são objetos de consumo emocional e que o amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável.

Com tudo isso, me pergunto: Que vidas são essas que estamos produzindo? Quais conexões estamos fazendo se elas podem ser encerradas ao apertarmos um botão, ao clicarmos na tela do celular? Largamos o velho hábito dos encontros e nos limitamos a uma tela de 5 polegadas. Nossas relações se encontram dentro do bolso de nossas calças, nas bolsas, no criado mudo, mas onde de fato deveriam estar?

Estamos mais acessíveis. Mas estamos disponíveis? Quando o outro passa despercebido por nossos olhares, e mesmo assim continuamos em busca de conexões, desesperados por uma relação, algo falta. Passamos os dias trombando uns com os outros, mas não nos enxergamos. É tudo tão corriqueiro, como se o outro estivesse desprovido de graça, apenas passamos por eles, acenamos a cabeça e vida que segue. Estamos imersos em algo que nos tira a sensibilidade de olhar ao nosso redor. Estamos perdendo a empatia pelo outro, encaramos o outro com o que ele tem para nos oferecer. Um objeto, com etiqueta de validade, um dia com muito valor, em outro, sujeito à troca. O tempo expirou, próximo!

Nos tornamos seres que buscam apenas a utilidade passageira? Estamos acessíveis apenas para as conquistas momentâneas e não disponíveis para o compromisso com o outro?

Jonathan Rowe nos lembra:

⁷ Comenta as opiniões de Gillian Walton, do Guia Matrimonial de Londres. Guardian Weekend, 12 jan 2002.

“No final da década de 1990, em meio ao *boom* da alta tecnologia, passei algumas horas num café na área dos teatros de São Francisco...Observei uma cena recorrente lá fora. A mãe está amamentando o bebê. Os garotos estão beliscando seus bolinhos, em suas cadeiras, com os pés balançando. E lá está o pai, ligeiramente reclinado sobre a mesa, falando no celular...Deveria ser uma “revolução nas comunicações”, e, no entanto, aqui, no epicentro tecnológico, os membros dessa família estavam evitando os olhares uns dos outros” (Rowe, 2002, p. 81).

O que deveria ser a “revolução das comunicações” acabou por treinar nossos olhos a olhar sem ver. Evitamos os olhares uns dos outros. Sendo um pouco mais intenso, Rowe (2002, p. 81-82) diz que a essa altura “nossos olhares já se teriam tornado paredes em branco – e uma parede em branco não pode sofrer danos ao encarar uma a outra”.

Estamos com ausência uns dos outros, com amarras invisíveis em nossos punhos que nos impedem o acolhimento, tampões no ouvido que impossibilitam que gritos e sussurros nos cheguem e olhos vendados para descortinar a peça que cada um representa.

Michel Löwy (2000, p. 70), afirma que “No rio da história não há contempladores do rio: nós somos o rio”. Não existem expectadores, todos agem ativamente ou passivamente e contribuem para a construção da história. Precisamos agir! Precisamos de uma revolução social, necessitamos nos rebelar. Rebelar nossos corações e sentidos. Sairmos da coerção da sociedade do consumo. Como diria Renato Russo: “Afim, amar o próximo é tão *démodé*?”. Parte da música Baader-Meinhof Blues⁸, do grupo Legião Urbana, diz:

“Não estatize meus sentimentos
Pra seu governo
O meu estado é independente”.

⁸ <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22496/>

Não podemos deixar que o consumo controle nossos sentimentos, tome posse sobre a forma como nos relacionamos. Nos coloque rédeas e antolhos. Vamos às ruas e gritamos NÃOOS aos governos e a tudo que discordamos, lutamos por direitos trabalhistas, de igualdade, defendemos a causa animal, e zilhões de outras. Chegou a hora de enfrentarmos a nossa própria causa, uma causa onde buscamos o nós, o eu, o outro. Um reencontro próprio.

Reconhecemos a liquidez na contemporaneidade que vivemos, no entanto, esses acontecimentos apresentam militâncias que vão contra essa liquidez. Entendo militância como a pratica de alguém que defende uma ideia, uma causa e que busca a transformação da sociedade através dessa ação. Assim, encontramos esses acontecimentos em diversos lugares, como possibilidades de resistências. Músicas, clipes, poemas, peças teatrais, intervenções e artes. Acontecimentos que apresentam militâncias que vão contra essa liquidez. Que lutam contra essa fluidez. Como podemos fazer para ir na contramão de todo esse movimento que está imposto? Remar contra a maré. Pegar nossa prancha de sentimentos não expressados, passar nossa parafina da militância, colocar na crista da onda e nadarmos contra a liquidez. Ser militante de si. Responsáveis por nós, pelos nossos atos.

Talvez seja necessário descolar do nosso mundo para acessarmos o outro, espiar através das cortinas alheias. Criarmos pontes de acesso. Pontes que libertam, emancipam. Acredito que só e somente pela empatia conseguimos obter essa quebra e adentrarmos o outro. Empatia e sensibilidade. A partir daqui começo a escrever sobre o protagonista desse projeto.

Cajón

Primeiramente irei situá-los e levá-los juntos comigo à nossa sala de aula, no LEN⁹, Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Durante as aulas que acompanhei¹⁰ nesse espaço, me atrevo a dizer que o laboratório deixou de ser um simples laboratório, desde a primeira aula o espaço foi se transformando, tomando outra forma a nossos olhos, outros ares. De um ambiente repleto de signos da ciência, endurecido entre suas quatro paredes, cheio de estudantes enfrentando mais uma disciplina em mais um semestre, o espaço foi de laboratório a recanto. Recanto onde vivenciei experiências únicas.

É uma delícia relembrar os momentos de completa afetividade que inundaram aquele local. Presenciar o crescimento de todos durante a disciplina, inclusive o meu, hoje me move para essa escrita. Rostinhos de estranhezas no começo, de incertezas e receios, de curiosidade pelo que estava por vir pelo desafio ao qual foram convidados a participarem. Incertezas e receios que durante o semestre se impulsionaram e se transformaram em coragem para o próprio contar. Contar e ouvir o outro. Endurecimento que já não mais existia, dando lugar aos afagos repletos de sensibilidade e respeito.

⁹ <https://www.facebook.com/len.ufu>

¹⁰ Foram realizadas observações durante a disciplina, acompanhei a turma durante o primeiro e segundo semestre de 2018, vivenciei junto com eles. A observação assistemática, segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 77), "consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. Sendo espontânea e informal, onde consegui capturar sensações, detalhes singelos, como expressões, gestos e olhares".

Durante as aulas, fomos adentrando a cortina do outro, vendo atrás do palco da vida. Nos fazendo enxergar em meio à rotina acadêmica a imensidão que nos ladeia. Imensidão antes nem imaginada, ou tão silenciada que se tornou imaginada. Cada depoimento saía como um estrondo, um desabado de dentro, algo que precisava ser dito. E em meio a esses depoimentos, percebia um completo acolhimento da turma, como se em cada palavra partilhada, fossem se abrindo uns aos outros.

Compartilho agora um pequeno escrito. Um escrito de minha experiência após vivenciar o cajón. Acredito que a partir dele poderemos começar a mergulhar na imensa potência na qual ele se encontra.

“Perfurada. Assim me encontro após meu primeiro cajón. Cada história, cada lágrima, cada compartilhar, uma quebra. Quebra de pensamentos antes tão padronizados. Quebra de certezas tão rígidas. Pré-julgamentos que nos impedem de adentrar o outro. Outro tão longe, estando tão perto. Rachaduras invadiram meu eu. Me desfiz, para quiçá, logo me refazer, ou me deixar em pequenos-grandes pedaços.

O cajón e a disciplina são potências que reverberam. Que nos perpassa e que agora nos constitui. Constituição do outro, com o outro. A beleza do coletivo se encontra naquela sala. Pois reconhecemos a sensibilidade e singularidade que cada um carrega, passamos a enxergar o outro em seu mais sincero jeito de ser”.

Esse escrito reflete os momentos de partilha que presenciei durante meu Estágio Docência na disciplina Ciências e Mídias do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia. Narro percepções que tive junto aos depoimentos dos estudantes. Momentos que me viraram do avesso e que contribuíram para o meu desassossego, mas que ao final de cada partilha um sentimento tão sensível e bonito pairava em mim. Um sentimento de continuar dando

eco àquelas vozes, de forma que todos pudessem perceber a enorme força que elas contêm. Vozes que só se libertaram e se deixaram a mostra através do cajón.

Vozes como de Fernanda e Marcos¹¹:

- "Ser sensível nesse mundo é um fardo para mim".

- "Quando paro para pensar, reflito que nossa existência é insignificante e uma forma de ficar alheio aos sentimentos, a isso tudo, é me endurecendo, o que chamo de "Processo de petrificação".

Essas vozes surgiram durante um dos momentos do cajón e me sensibilizaram por suas intensidades. O quão pesado era pra Fernanda ser sensível em um mundo endurecido, em um mundo onde não há tanto lugar para a emotividade. Enquanto ela compartilhava seu incomodo, projetado no quadro estava a imagem de sua própria escolha, de um vaso de flor com a seguinte frase: "Não sou pedra, sou flor".

Que reforçava ainda mais seu sofrimento por ser uma pessoa afetuosa, que se entrega às paixões da vida, em um mundo de "pedras". Ela contou momentos de sua história onde foi criticada por ser assim, criticada por expressar demais suas emoções. E em uma sociedade onde a individualização cresce a cada dia, expressar suas emoções, é ficar exposto, fragilizado, correndo um grande risco. O que me fez pensar, o que estamos fazendo ou deixando de fazer para que sentimentos virem fardos? Demonstrar afeto é se tornar vulnerável perante as pedras? Estamos deixando que as pedras esmaguem nossas flores? Ou nós mesmos as esmagamos como modo de sobrevivência?

Em resposta a esse último questionamento veio Marcos, para não sofrer com o sentimento que ele sentia, de ser

¹¹ Os nomes não são fictícios, pois os alunos concordaram em sala de aula socializar os depoimentos.

insignificante no/para o mundo, foi ficando alheio a suas emoções. Passando pelo processo que ele autodenominou "Processo de petrificação", corroborando com a nossa existência insignificante. Quando Marcos utilizou o termo petrificação, logo veio um estalo. Será que não só Marcos, mas nós, estamos petrificados perante uns aos outros? Como nos despetrificar? O quão os outros se sentem assim e o quão os levamos a pensarem que são insignificantes por petrificarmos seus atos.

Escutar e dar espaço para essas escutas em uma sala de aula é inspirador. Inspiração como o cajón, que lateja potências. Potências como Fernanda, Marcos, e agora Elliot. Bastou uma foto. De um amaciante. Para que através dele e junto com ele enxergássemos o amaciante com esse outro olhar. Olhar de saudade. Uma foto e a seguinte frase: "Amaciante, muitos usam para amaciar roupas. Eu uso para amaciar a saudade".

O significado e a emoção que essa foto carregava pra ele é fantástico. Elliot não é de Uberlândia, mas sim de Araraquara, e uma forma de se sentir mais perto de sua mãe é usando o mesmo amaciante que ela usa, deixando cheiro de saudade em suas roupas.

Assim como Elliot, tivemos muitos momentos do outro que se tornaram um eu, que se tornaram nós. Momentos que nos perpassaram e que esbarraram em nossas pedras, em nossos "eus" petrificados. Momentos onde cada um trazia um pouco de si para a sala. Um pouco da família, da ausência da família, de perdas, de ganhos, de importâncias. Me recordo muito bem de uma situação onde Marco Antônio segurando uma pulseira e contando como a dona daquela pulseira era importante, pois passara com ele os momentos de maior perda em sua vida. Perdas do pai e da prima. Enquanto ele contava algo tão sensível dentro de si, reparei no olhar incrédulo de alguns

amigos, assustados com o que ouviam. Estavam tão compenetrados em suas palavras que era visível a surpresa. A surpresa por trás de um estereótipo musculoso, bonitão, descontraído com a vida, onde antes parecia não haver espaço para tamanha sensibilidade e dor. É o inesperado vindo de pessoas inesperadas, e o quanto isso é maravilhoso, porque a partir do inesperado nos revemos.

E entre esses encontros inesperados, nos deparamos com fotos e como essas fotos acessam um rio de memórias com todas as suas curvas, que antes se encontravam de portas fechadas. Curvas que dão espaço para uma mão acolhedora, mão que acolhe a perna trêmula do colega ao ler um texto tão forte e tão de si. Textos com uma total entrega, que exteriorizam o eu antes tão guardado. Uma escrita em militância.

Em um dos textos autorais, produzidos por eles mesmos, Gabriela se sentiu envergonhada ao lê-lo, dizendo que parecia que só tinha coisas tristes a dizer. O que nos fez pensar em como é difícil exteriorizar tristeza em um mundo onde se vende felicidade. Essas experiências vividas vão nos mudando. O outro nos sensibiliza, nos desvia. E o cajón vai dando coragem para outros dizeres. O tanto que tem no outro que não enxergo e como o cajón dá voz a esses tantos.

Cajón como um escape da nossa liquidez, que contrapõe essa objetificação, justamente por que busca o outro na sua singularidade. Por meio dele surgem afetos, afetos antes velados ou impossibilitados de aparecerem por conta de toda petrificação sofrida. É um modo de acessar o verdadeiro outro em um universo no qual o outro se faz objeto.

Optei por narrar primeiro minhas vivências no cajón e somente depois contar um pouco da sua história e sua metodologia, para que assim como eu, vocês fizessem o mesmo caminho no qual eu fiz. Primeiro, o encanto por cada história compartilhada, o boom de emoções ali presentes, a quebra de

estereótipos, a urgência de se fazer-escuta e em seguida o choque de enxergar como essas vozes precisavam ser escutadas e que antes não encontravam lugar onde seriam ouvidas. A importância do que ali se fez é para além do que consigo descrever. É de um desdobramento que não enxergo o fim. Se é que precisa ter um ponto.

A criadora e a criação

Falar sobre o cajón sem falar sobre sua criadora é impossível. Algo que não existe! Pois ela viveu esse processo de criação, de idealização, que surgiu de uma necessidade, de um próprio movimento pessoal ao notar a responsabilidade que ela tem em mãos como docente formadora de futuros docentes. Ensinar docência com afeto, com acesso ao outro, com solidariedade e empatia, com certeza deixa memórias e transforma esses futuros profissionais.

Criado e idealizado pela professora Daniela Franco Carvalho, o cajón é uma proposta interventiva, aplicada na disciplina Ciências e Mídias. Onde a proposta procura incentivar a autonomia, liberdade de expressão e ideia de criação entre os alunos, alinhada com a preocupação em envolvê-los a todo momento no processo e desenvolvimento da disciplina, de uma forma que os retirasse dos desânimos acadêmicos e pessoais enfrentados diariamente. E para isso, ela percebeu que somente fazendo os alunos compartilharem suas emoções e olhares sensíveis isso seria possível. Possível para estimular possibilidades de criação.

Inspirada no texto¹² elaborado pela professora Daniela: "Cajón: Estratégia interventiva para compartilhamento de emoções em sala de aula", irei contar um pouco mais sobre sua origem. Em meio ao processo de questionar sua própria docência e a vontade de impulsionar seus alunos para "fora da caixinha", para além de olhares lineares, aliada com os teóricos Mikhail Bakhtin e Zygmunt Bauman, foi surgindo o movimento e a necessidade de produzir algo que estimulasse

¹² <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/textosfcc/issue/view/issue/351/188>. Os trechos entre aspas são retirados de forma integral do artigo.

os alunos a uma sala de aula empática, com quebras de estereótipos e preconceitos, onde só assim, mais livres de julgamentos, teriam espaço para o ato da criação.

O nome cajón surgiu de uma experiência pessoal onde a professora se sentiu extremamente tocada em uma de suas aulas com seu professor de percussão, se deparou com o instrumento antes não conhecido e ficou encantada. Tão encantada que ao sair da aula foi em busca de tocadores de cajón, onde se deparou com a sul-africana Heide Joubert. Ao ver e ouvir o vídeo da Heide, no canal do Youtube com o espanhol Guillermo Garcia, onde faziam um dueto decidiu que o nome da estratégia interventiva teria o nome da caixa em espanhol. Aquela vibração, aquele reverberar dos sons que saía dos cajóns, era a força e a sensibilidade que ela buscava. Em suas palavras, o cajón como caixa, mas "não mais daquela que guarda, que encaixota, que prende, e sim de uma caixa que liberta, que expande, que ecoa, que amplifica".

Após esse movimento de descobertas e redescobertas foi elaborado o projeto interventivo. Onde a intenção era utilizar o cajón como um "disparador de uma sequência de possibilidades criativas e que envolvesse os estudantes em um grupo potente, onde o acolhimento do outro em sua singularidade fosse constante". Unindo a nova ementa da disciplina, e para acessar os estudantes livremente nas discussões sobre a veiculação dos conhecimentos científicos nas diferentes mídias e o desdobramento delas nas questões étnico-raciais e de gênero, envolvendo estereótipos tão presentes no nosso dia a dia, o cajón levaria os alunos a pensarem e discutirem essas representações acerca do outro, para além dos rótulos.

Mas o que os faria desprender dos rótulos? Para a professora, somente algo muito potente poderia afeta-los mutuamente, algo que os comovesse, que os emocionasse.

Surgindo a primeira ação, onde os estudantes foram convidados a levar para o compartilhamento algo materializado que acessasse uma memória, um vivido, algo que reverberasse neles memórias alegres ou tristes, mas que os comovessem.

A partir disso, a professora levou para os alunos algo que tinha ocorrido com ela:

"Hoje parei num semáforo e um rapaz se aproximou com uma caixa de isopor. Abaixei o vidro e ele explicou que tinha vindo da Bahia e estava vendendo bombons caseiros. Eu disse que se tivesse dinheiro eu compraria, mas não tinha. Aí ele me falou para pegar um bombom. Repeti que não tinha dinheiro. O rapaz insistiu. Era um presente. Disse que eu tinha sido a primeira pessoa a conversar com ele no dia e que ele estava precisando somente de um sorriso".

Materializando esse momento, ela levou a embalagem do bombom, onde contou o quanto aquilo reverberou nela, de pensar as fragilidades das relações humanas e nos presentes imateriais que podemos ofertar por aí. Esse foi o seu cajón.

O cajón ainda tem mais dois momentos. Uma fotografia, produzida por eles ou não, e um dizer sobre a foto, de autoria própria. "Era uma tentativa de dividir com o outro aquilo que somente o sujeito na sua singularidade, com suas marcas do vivido, é capaz de enxergar. Algo que somente poderia fazer sentido a ele, na sua unicidade, passaria a ser perceptível aos outros".

O último momento do cajón, consiste na elaboração de um texto autoral. Estamos acostumados a sempre escrever nos justificando por outros, referenciando ideias, por meio de escritas normatizadas. Atenta a essa dificuldade de se ter uma escrita própria, esse último momento é uma tentativa de fazer com que escrevam "um texto que trouxesse esse olhar sensível, na temática, experiência e sensação que fizesse

sentido para eles". Que experimentassem a liberdade de escrita, que pudessem se conhecer dando voz a sua própria voz, sem preocupações com as normas da ABNT.

Assim, o cajón cria possibilidades de encontros. A partir de cada um desses momentos propostos, os alunos se abrem, em sua unicidade. É um encontro de carnavalização, uma festa. Não necessariamente um compartilhar feliz, mas um compartilhar que se faz nessa carnavalização, no fim é uma festa de risos. Segundo Bakhtin (1999, p. 8), no carnaval ocorre uma libertação. "O carnaval é o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus". Ou seja, aulas-festas, aulas em processo de carnavalização.

Bakhtin (1999, p. 6-7) diz que "durante o carnaval - é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre de sua realização". E é exatamente isso que o cajón desperta: o outro ali, sem máscaras, sem cortinas, nu.

Para salientar essa nudez, outro escrito da professora destaca que o cajón leva o ser docente para outra esfera, abre portas de empatia com e pelo o outro.

"Mas assim como fazemos ao abrir a porta de nossa casa aos amigos queridos que chegam para um jantar, lancei um sorriso e repeti em palavras a minha crença de que o cajón poderia provocar transformações em nós. Que eu desejava escutá-los, que eu gostaria de saber sobre cada um deles, para nunca mais dizer meus alunos de forma generalizada, e sim, senti-los comigo na singularidade da vida que pulsa em cada um. Para além dos corpos humanos. Naquilo que nos constitui como gente".

Penetrando em frestas

Uma intervenção que nos leva a momentos de encontros. Encontros externos a nós mesmos. E entre respiros, risos, soluços, afetos e receios as frestas se fazem. Frestas com potências para romper a liquidez dos nossos tempos.

Através do cajón, dos compartilhamentos, das palavras que tangem e vibram, vindas de cada um formamos pontes.

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor (BAKHTIN, 1981, p. 113).

Formamos pontes de alteridades!

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo; o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (ZUMTHOR, 1997, p. 14-15).

Criamos possibilidades do outro em nós. Reconhecer o outro como parte primordial para o se constituir, o se construir como pessoa. O eu só existe numa relação com o outro. Eu só me faço, pelo outro e com o outro. É o que podemos chamar de alteridade para Bakhtin, "eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-outro" (BAKHTIN, 1997[1979], p. 38).

Por meio da alteridade e da empatia, exploramos o cajón e seus desdobramentos no campo das reverberações e afetividades. Penetramos nas frestas criadas e assim juntos remamos contra a liquidez, na tentativa de alcançarmos vários outros. Como ficamos após acessar esse outro?

Movimento e estrutura do cajón

Pelas observações feitas no primeiro e segundo semestre de 2018, compreendo que o cajón tem se configurado como uma proposta metodológica, que integra o planejamento e é avaliativo. Na primeira aula a professora faz uma explicação sobre o que é o cajón e como ele se deu como proposta interventiva na disciplina, logo após, temos uma conversa sobre como ele será avaliado. Essa avaliação é compartilhada, os alunos escolhem a pontuação e se aceitam ou não o convite para participar.

No dia agendado para o cajón, todos se colocam em círculo, de um jeito que consigam ver uns aos outros. Ansiedade paira na sala nesse momento. Eles levam o objeto, a fotografia e o texto autoral, e de forma alguma são pressionados a falarem. As falas são espontâneas e parte de cada um, no momento em que se sentem à vontade, em que podem. Quem não estiver confortável tem a opção de colocar no mural para que todos vejam depois.

O compartilhamento espontâneo, vai encorajando uns aos outros a se abrirem e esse movimento é acolhido em uma esfera de total respeito e sensibilidade pela história do outro, pois ali, é apenas o outro dizendo sobre si. Após cada fala, temos um agradecimento e uma rodada de palmas. Todos os momentos do cajón são mediados pela professora.

Esboçando o encontro

No intuito de ter algo mais íntimo e acolhedor, buscando compreender a potência do cajón pela alteridade e empatia, idealizei um encontro - fonte de produção de dados dessa pesquisa - como uma extensão desses momentos vivenciados em sala de aula. Desejei que fizesse parte desse processo como um pós-crédito de um filme, uma continuação, que nos aproxima. Um lugar onde pudéssemos conversar sobre como fomos afetados e afetamos o outro e a importância de termos momentos como esses, que abrem brechas para o sensível.

Utilizei a pesquisa narrativa proposta por Clandinin e Conelly, onde tive a liberdade de deixar com que a investigação fluísse de uma forma mais espontânea, sem roteiros previamente idealizados. Clandinin e Connelly (2011, p. 48) dizem que "Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela".

No encontro utilizei o método da entrevista narrativa. Há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo.

"É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*¹³. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social" (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 51).

¹³ Meio social/ ambiente

Seguindo com os métodos utilizados por Clandinin e Connelly, as conversas realizadas durante os encontros compuseram meu texto de campo. Onde realizamos gravações em áudio e vídeo para que nenhum detalhe fosse perdido e para que eu pudesse participar da conversa.

Recheando ainda mais essa pesquisa, Clandinin e Connelly falam sobre as caixas de memórias, que são coleções de itens que acionam memórias de momentos importantes. Como o cajón é repleto desses itens, como fotografias, cartas de entes queridos, sapatinhos de bebê, chiclete, bolo, embalagem de picolé, CDs, caixinhas, lata de tinta spray, escapulário, quadros, cubo mágico, celular quebrado, alianças, diários, camisetas de time de futebol e inúmeros objetos que materializam essas memórias, utilizá-los como parte dessa pesquisa narrativa é indispensável. Esses objetos foram levados pelos alunos no momento de aula, embora eles não tenham sido levados novamente no momento do encontro, muito do que eles disseram faziam referência a essa caixa de memórias, que foi compartilhada por todos em momento anterior em aula.

“São esses artefatos, coletados em nossas vidas, que fornecem uma fonte rica de memórias. Observar esses documentos em um contexto de pesquisa narrativa constitui algo que se pode chamar de uma arqueologia da memória e do significado” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 158).

Após o encontro, os momentos compartilhados foram transcritos e as narrativas dialogadas com conceitos de Bakhtin, Bauman e Spinoza.

O encontro

Pensar o encontro foi um misto de ansiedade e carinho. Ansiedade por querer viver o momento, pela expectativa das reações, pelos compartilhamentos que sabia que viriam, por querer que tudo fosse belo e repleto de afetos, na expectativa de que para eles fosse um *plus* do cajón vivido. Gostaria que fosse uma experiência que os fizesse relembrar e que eternizasse a grandiosidade do que foi, e é para todos nós. E carinho, por reencontrar pessoas que tanto significam para mim, pessoas que me moveram em outras direções. Cada detalhe, desde o início, se deu com muita ternura, como se estivesse pensando em uma reunião em família, um encontro entre amigos íntimos de longa data. De longe passava pela minha cabeça que seria a produção de dados para a dissertação de mestrado, que cada fala seria mais uma análise para fazer. Não! Foi consequência da minha vivência ali, com eles. O que trago para o campo da análise nesse trabalho se faz junto com o meu eu¹⁴ pesquisadora e o meu eu pessoal, pois somente unindo os dois, e pelos dois que consigo transmitir o quanto especial e potente foi esse momento. Meu coração latejava ao pensar no dia.

Contarei cada detalhe pensado, na intenção de trazer vocês junto a mim nesse narrar. Desde o começo, nos preocupamos com a quantidade de pessoas que iríamos convidar, pois sabíamos que um encontro com cinquenta pessoas não seria viável, pelo mesmo motivo da quantidade de estudantes na disciplina Ciências e Mídias. Era preciso determinar um número, o que foi muito difícil, pois queríamos conversar com todos que já tinham vivenciado o cajón. Estávamos na

¹⁴ Para Bakhtin (2011, p.1) “Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”.

metade do segundo semestre de 2018, e concordamos em chamar as turmas do primeiro semestre de 2018 que já haviam vivido todo o processo do cajón e seus desdobramentos. Já contávamos que por influências externas nem todos poderiam no dia marcado, assim escolhemos uma data que abrangesse a maioria e o convite foi feito.

Fiz questão de convidar um por um. Acredito que um convite direcionado a todos não demonstraria a imensa consideração que tínhamos em ter a presença deles. Aos que consegui encontrar pelo *campus* da Universidade, o convite foi feito entre sorrisos e abraços. Para os quais não foi possível o encontro, escrevi com todo carinho um pequeno convite e enviei em suas redes sociais. Os sorrisos e abraços vividos nos encontros pessoais foram transpassados em formas de palavras aos convites virtuais. Senti uma gratidão e alegria imensa do pessoal ao saberem que teria esse encontro, e isso fez com que me dedicasse ainda mais a eles, e ao momento que viveríamos.

Após os convites, mão na massa, pensar o local. Escolhemos o Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia, por ser um local pequeno e assim mais aconchegante, onde poderíamos ficar mais próximos uns dos outros para a escuta e para o compartilhar. Dessa forma, não seria necessária a utilização de microfones, onde a passagem desse de uma pessoa para outra poderia quebrar a espontaneidade do momento.

Unimos as quatro mesas grandes que o laboratório possui, formando um círculo, para que os olhares ali presentes, pudessem fluir sem obstáculos, para que pudéssemos criar uma atmosfera acolhedora, onde todos estariam ali para todos, completamente envolvidos. Como registro, foram colocados quatro gravadores de áudio sobre as mesas, um em cada extremidade. Tomamos o cuidado de colocar um em cada ponto, para que a qualidade do áudio fosse a mesma independente da

direção da voz. Por meio das fotos registramos alguns momentos compartilhados, tentando capturar afetos em lentes fotográficas, parar o tempo em pequenos instantes¹⁵. Esses registros fotográficos e as filmagens realizadas foram feitas por dois colegas de graduação.

O dia do encontro se deu em um sábado à tarde, às 15 horas. Pela manhã já estava inquieta, desejava logo a vinda do momento, dedinhos frenéticos finalizando o mimo que tinha planejado para eles, fazendo lacinhos de ternura em cada embrulho, colocando doçuras de goma em formato de corações nas caixinhas. Cheguei com uma hora de antecedência, frio na barriga imenso e com a expectativa alta. Será que vão vir? O que falar? Arrumei a sala, sentei e esperei. Cada um que chegava, eu via que a expectativa não era somente minha, mas deles também. Todos ansiosos pelo que viria a acontecer, entre timidez, sorrisos e possibilidades a aflorar, todos foram chegando e se acomodando. Servimos um café da tarde, logo de início, que foi para começar bem. Sempre achei que conversas ao lado de uma boa comida, ficam mais gostosas, e assim foi feito. A partir dali tudo começou.

¹⁵ Para o registro foi solicitada a permissão de todos presentes e coletada a assinatura para o termo de consentimento livre e esclarecido, assim como a autorização de uso de imagens e depoimentos.

Depoimento¹⁶

ANA LUIZA

Pessoal, vamos começar e eu queria agradecer de verdade vocês terem aceitado o convite, eu fiquei muito feliz, muito mesmo, por vocês terem tirado um tempinho no sábado, sei que não é fácil, ainda mais fim de semestre, então muito obrigada mesmo. E eu fiquei pensando, nos motivos do por que estamos aqui hoje, e o cajón é o principal deles, quando eu fui convidar vocês e vocês foram respondendo, "Nossa, eu vou, nossa que alegria", eu percebi que o cajón é muito latente na gente ainda, precisa ser falado e a Dani proporcionou tudo isso pra gente. Tem muita gente aqui que não conheço e vou ter que falar um pouquinho do que é esse projeto, quem eu sou, para vocês não pensarem quem é essa louca que fez esse convite aleatório. Então, o projeto surgiu de acordo com o que fui mudando também. Eu não entrei com esse projeto, e a partir do ano passado eu fui ficando incomodada com várias coisas, várias situações, que foram mexendo aqui dentro comigo. E um dia eu cheguei, conversei com a Dani e falei "Dani, quero mudar o projeto". Joguei um monte de ideias, no começo eu não sabia realmente o que era, falei "Dani, está me incomodando, mas eu não sei o que é", e a Dani como sempre, ilumina a gente, ela "Ana eu acho que isso é mais em questão das relações, do outro, de como está se dando isso no nosso hoje". E viver a disciplina com vocês, assim como o cajón reverberou em vocês, vocês reverberaram em mim e faz muito parte da minha transformação. Vocês realmente fazem parte de mim mesmo. Cada depoimento, cada pedacinho, me mudou. E hoje estamos aqui justamente para conversar o que foi viver o cajón dentro da sala, e assim, para mim, viver o cajón foi muita quebra, uma quebra de estereótipo, uma quebra de verdades e eu acredito que em vocês também. Então eu acredito que vai ser uma conversa super gostosa. A gente vê o que foi

¹⁶ A transcrição foi realizada na íntegra, retirando os vícios de linguagem. Os nomes não são fictícios e os trechos das narrativas são vinculados aos nomes que estão à esquerda. Os links para acessar os áudios se localizam abaixo de cada depoimento.

O nome Ana Luiza se refere a mim e o nome Daniela se refere a professora da disciplina.

isso para vocês, vivenciar isso dentro da faculdade. E eu queria muito que vocês se abrissem também, na medida do possível, do que forem se sentindo à vontade.

[Áudio - Ana Luiza](#)

DANIELA

Gente linda, o que a gente estava pensando pro trabalho da Ana, é um pouco de como vocês sentem na vida de vocês agora, nas outras disciplinas, no cotidiano, com as relações, com todos os amigos e familiares, amores que vocês têm, algum efeito do cajón. Assim, acho que a gente poderia ser assim, extremamente sincero mesmo, em termos do que tem. Outro dia em sala de aula, uma das aulas falou, "Ah professora, estou vendo que estou me transformando muito, nessa abertura para o outro, nessa compreensão do outro, mas eu também me vejo caindo na vala¹⁷". E eu acho que é isso, da gente entender que é uma vida, então assim, de vocês se sentirem à vontade de irem contanto pra gente o que vocês têm feito, e que de certa forma vem de uma inspiração do cajón. A gente teve na semana passada, com a gravação da reportagem¹⁸, o Danilo e o Paulo (estudantes do primeiro semestre de 2018), que para minha surpresa o Paulo estava com vários escritos que ele tem produzido a partir da disciplina, e o Danilo com fotografias extremamente sensíveis, e com o olhar também para essas fotografias. E por acaso, eles estavam no corredor e eu chamei "Olha o pessoal da Globo vem aqui gravar, entra aqui, ajuda" e eles estavam com isso no celular. Então, é mais ou menos esse movimento que a gente gostaria de saber de vocês e vocês se sintam super a vontade, se quiserem resgatar o cajón de vocês, se quiserem contar, da forma que vocês acharem.

[Áudio - Daniela](#)

¹⁷ A vala é um termo que a professora utiliza constantemente na disciplina para dizer desse lugar do preconceito, do julgamento, das amarras sociais que caímos diariamente.

¹⁸ A reportagem da TV Integração, afiliada da Rede Globo no Triângulo Mineiro, foi em função do prêmio Professor Rubens Murillo Marques, promovido pela Fundação Carlos Chagas e recebido pela professora Daniela Franco Carvalho.

CECÍLIA FACHINI

O cajón teve uma grande importância na minha vida, mas em questão de vida pessoal, porque eu comecei a me abrir, comecei a falar. O primeiro cajón foi na minha turma, e a Dani começou a falar e eu virei e falei "Então, eu já tentei me matar". Eu nunca tinha falado isso pra ninguém e eu só falei pra minha turma inteira. E eu percebi que quanto mais eu falava sobre isso, sobre minha depressão, sobre a minha ansiedade, é como se eu deixasse uma parte para as pessoas e eu não precisasse carregar sozinha. Então eu comecei a falar, só que quanto mais eu me abria, mais problemas apareciam, só que se eu nunca tivesse me aberto, eu estaria muito pior. Acho que só o Lucas sabe disso aqui na turma, mas esse ano minha psicóloga me disse que poderia ter desenvolvido esquizofrenia. Eu tive muitos sintomas de ansiedade, de dissociação, se eu não tivesse começado a me abrir, se eu não tivesse começado a falar, eu não sei o que teria acontecido comigo. Então o cajón, esse projeto inteiro é muito importante para mim. Minha depressão, eu não tenho mais depressão, tenho alguns sintomas ainda que estou lidando, mas eu não fico mais no meu quarto o dia inteiro, na cama, eu sinto vontade de fazer as coisas. Eu terminei meu caderninho, para quem não sabe eu tenho um caderno onde escrevo, escrevo poesias, desenho, eu comecei a escrever um conto sobre uma das minhas personagens. E eu estou agindo, e isso pra mim sempre foi oposto de depressão, movimento, agir, fazer as coisas, e eu tenho um grande carinho e agradeço muito por espaço, por que foi muito, muito importante.

[Áudio - Cecília Fachini](#)

DANIELA

A Cecília fez uma fala, se vocês sentirem vontade depois de retomar na fala de vocês, a partir do momento que outros colegas colocarem, esse é o momento pra gente mesmo. E para mim, é super importante escuta-los, por que eu tenho pinceladas da dimensão disso quando os colegas me procuram, ou fisicamente pra um abraço, um contar, ou pelas quantidades inúmeras de mensagens que eu recebo pelo facebook, pelo whatsapp. Então, eu sei de fragmentos, mas ao vivo e da gente ter isso registrado com os colegas é a primeira vez que estamos fazendo, então é super importante mesmo.

[Áudio - Daniela](#)

ELLIOT PARIZE

Eu queria agradecer pela oportunidade, porque eu sei que tem milhares de pessoas que fizeram a matéria e não dava pra chamar todo mundo, e se eu fui chamado é por que tem um propósito (...) Para mim o cajón foi algo sem palavras, jamais que eu ia esperar que eu entrasse em uma aula de Ciências e Mídias, que eu pensava que a gente ia produzir alguma coisa de mídia, ia aprender mexer com essa parte, e que fez pensar sobre mim. Acho que eu nunca tinha parado para pensar o que eu era, o que eu representava para as pessoas, o poder que as palavras tinham diante os outros. Eu fiz a matéria com a turma que eu não conhecia muito bem, era só eu e o Lucas, a gente era do noturno, não conhecia quase ninguém da sala, e foi um desafio gigante, por que eu não conhecia muita gente e você se abrir para um monte de desconhecidos, eu que sou tímido ainda, foi muito difícil (...) Pois é, eu nunca imaginava que poderia ser capaz de produzir uma coisa, tão (...) que representasse eu, em profundidade. Foi sensacional você poder olhar os seus amigos de uma maneira que você jamais poderia imaginar. Depois do cajón eu nunca olhei ninguém da mesma maneira, cada um virou único assim (...) E isso me sensibilizou demais com as relações que eu estou tendo até hoje. E isso, não sei, parece mágica, sensacional, você poder enxergar com outros olhos as pessoas e poder se expor também com total naturalidade, tranquilidade, que ninguém vai te julgar (...) Toda quarta-feira era minha aula preferida, eu ia com vontade pra aula (...) dá uma saudade (...) É isso, queria agradecer.

[Áudio - Elliot Parize](#)

CAMILA BEZZON

Eu ainda não sei, ainda, o quanto o cajón foi importante para mim. Ainda estou nesse processo de descobrir a importância dele dentro de mim, dentro das relações que eu tive com todo mundo (...) mas voltando a fala que você disse [Dani], da sua aluna que aplicou o cajón durante a vivência dela com todo mundo e mesmo assim se via caindo na vala, eu acho que não tem como você não cair na vala, mas acho que depois de ter feito essa disciplina, participar do cajón, eu acho que ficou muito mais fácil perceber que tá caindo na vala (...) muito das vezes agora,

você começa a reviver e relembrar coisas que a gente viveu e que na época você nunca falaria "Estou na vala aqui", nunca. E se alguém falasse que você estava caindo na vala você ia bater o pé junto, virar do avesso, jurar por tudo que for o mais sagrado e falar não estou na vala. E agora só de lembrar está mais que explícito, está quase escrito na nossa cara que a gente estava na vala, ficou muito mais fácil depois de ter essa vivência do cajón (...) de ver as pessoas de outra maneira, de conseguir se abrir para as pessoas (...) eu sou do integral mas fiz a disciplina no noturno, e se abrir com pessoas que nunca conheci na vida e falar realmente, muitos dos meus cajóns foram realmente coisas bem pessoais, então acho que ficou muito mais fácil depois dessa vivência a gente ter esse conhecimento de que se eu vir por aqui eu vou cair na vala novamente, então vamos dar uma mudança, e fazer uma coisinha aqui, então foi essencial essa percepção.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

MARIA ALVES

Uma coisa que eu acho sensacional, quando eu fiz Ciências e Mídias não tinha o cajón, e eu estou vivendo agora como monitora e no primeiro cajón eu me assustei com a quantidade de pessoas que tinha a mais na sala de aula, nos dias do cajón tem pessoas que não são nem estudantes mas estão lá (...) igual vocês falaram "nossa que saudade de Ciências e Mídias" eu também vivi isso, uma depressão pós-Ciências e Mídias, tanto que peguei monitoria duas vezes na disciplina, mas eu achei lindo e pensar que daqui a pouco temos que ter uma sala maior.

[Áudio - Maria Alves](#)

DANIELA

Acho que isso que você está colocando Maria, são coisas assim, pra pensar, porque a Celine quando me colocou da problemática que a gente estava tendo, da quantidade de estudantes que precisam fazer e querem fazer Ciências e Mídias, a opção era abrir uma turma maior, então assim, colocar quarenta em uma turma no 8C¹⁹. E eu fiquei pensando justamente nisso, que eu

¹⁹ Bloco de salas de aula no campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia.

prefiro abrir mão do meu tempo, encaixar uma nova turma, mas pra gente permanecer nesse número de estudantes, que nos propicia essa troca. Uma coisa é a gente ter os visitantes, que eles emocionam, que eles têm aquela experiência, mas raramente um e outro que se coloca no movimento de fala, ou que leva e que quer compartilhar. Mas essa experiência da escuta e do dizer dos estudantes, eu acho que se a gente tivesse um número muito grande como hoje, na conversa com a Ana, eu acho que a gente tinha que ter no máximo quinze pessoas pra que a gente pudesse ter exatamente isso que está acontecendo aqui, que é um reparar, um olhar no olho do outro, uma compreensão realmente em profundidade que é isso que o Elliot está colocando, desse ser humano que está comigo. Então, acho que assim, não cabe na disciplina (...).

[Áudio - Daniela](#)

CAMILA BEZZON

É bem realmente o que o cajón diz, uma coisa mais humana, que você possa olhar pro outro e falar eu te conheço muito mais agora. Realmente essa individualidade que nas aulas normais eu acho que com quarenta ou sessenta alunos não existe, muitas vezes pro professor é só mais um aluno qualquer (...) agora quem tá do seu lado é só mais alguém que pode roubar sua vaga do mestrado, roubar seu laboratório, seu inimigo. Acaba ficando algo meio robótico, você vai entrar na sala falar bom dia e não interessa quem está ali, e eu acho que nas suas aulas é muito nítido que quem está ali, está ali com você sabe, está vivendo aquilo, está te enxergando de outra maneira. Se realmente tivesse uma sala maior pra participar do cajón não teria essa troca única.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

LUCAS GALVÃO

E o negócio do cajón é que você coloca sua intimidade pra fora, você compartilha, uma ideia de trazer uma coisa que reverbera em você pra mim foi muito difícil por que eu nunca pensei o que está mexendo comigo agora. Eu sempre fui levando a vida, ria de uma coisa boba na internet, ria da cara de alguém na sala, e seguia a vida, mas eu nunca pensei no que era importante pra mim, o que estava me mudando. Foi muito doido essa matéria.

[Áudio - Lucas Galvão](#)

DANIELA

Eu acho muito legal isso que você traz Lucas, que eu escuto de diversos colegas, "A turma tal", "Nossa você vai pegar aquela turma", "Aquele aluno", e isso já me incomodava antes, mas era um incômodo assim, na base do tolerável, e a partir do momento que a gente começou a desenvolver o cajón, para mim não faz mais sentido algum. Então a minha fala tem sido totalmente antagônica ao discurso de vários professores, porque vivências com diversos colegas que pelo jeito que se coloca, piercing, tatuagem, cabelo comprido, super descolado, talvez desses a gente tem extraído os cajóns mais sensíveis. Então, acho que é isso, que medida que olhar para aquilo que nos move no mundo, e trazer isso pra sala de aula, que é outra coisa que eu gostaria de compreender, que talvez não venha do trabalho da Ana, mas é em que esfera que a gente torna o espaço da sala de aula um ambiente de conforto. Porque eu só digo aquilo que para mim é íntimo, aquilo que pra mim é caro, onde eu sinto segurança, e como é que nós temos construído isso de forma coletiva em sala de aula, que eu sei que não é uma dimensão só minha. É algo que a gente está se provocando mutuamente para essa construção.

[Áudio - Daniela](#)

GABRIELLA CAIXETA

O que dá pra ver, meio que ao longo da disciplina, quando a gente está no primeiro cajón é muito mais difícil da gente pegar e falar. A medida que a galera vai contando a sua história ali, você vai se sentindo mais à vontade, mais confortável pra falar também, e ao longo dos cajóns, da fotografia e o último acaba sendo mais simples, mais fácil, natural.

[Áudio - Gabriella Caixeta](#)

CAMILA BEZZON

(...) acho que também o cajón dá certo por ser você [Dani], se qualquer outro professor chegar na sala de aula e falar " gente vamos fazer o cajón", é uma coisa que estava dentro de você e você simplesmente deixou sair, pra dar certo com outros professores, em outras aulas o professor tem que mudar dentro dele também, entender o processo (...) porque o cajón

não é uma prova que você põe no papel e manda todo mundo fazer, você tem que ter noção do que você está aplicando também entende.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

LUCAS GALVÃO

(...) Você tem que ser vulnerável, tipo, se o professor não estiver aberto a ser vulnerável, a estabelecer pelo menos com a galera um ambiente seguro e sensível (...) a pessoa só se expor, e isso é o "rolê" da vida inteira, você vai se abrindo com alguém um pouco e a galera vai fechando, igual a Nanda²⁰ falava da pedra, do florescer, é muito o movimento igual. Você vai indo junto com a galera, você vai expondo o que você está sentindo, o que você está pensando, é um ambiente construído, parece um rolê religioso, você sente uma comunhão entre a galera, você sente uma abertura.

[Áudio - Lucas Galvão](#)

CAMILA BEZZON

É que você [Dani] está disposta a escutar nossas histórias, não só você falar, e a se abrir também. Como você sempre participa dos cajóns, traz as vivências que você tem desde o passado pra agora, é muito uma questão, tipo...o cajón dá certo por ser você, se fosse outra pessoa talvez não daria certo muito provavelmente.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

DANIELA

É eu acho que daria se entrasse também nesse movimento, talvez se a gente fizesse um exercício, de fazer um cajón sem mim, mas com vocês que já viveram e que já estão nessa amplitude, eu tenho certeza que daria certo.

[Áudio - Daniela](#)

²⁰ Fernanda que trago nas primeiras páginas.

(...) Eu achei muito legal o que a Camila falou, porque assim, quando eu fiz Ciências e Mídias também não tinha cajón, mas quando eu estava com você, com a turma, e naquela harmonia toda, eu já sentia que o cajón existia, sem ele existir ainda. Assim, pra mim era a hora que eu era eu mesma, ai meu deus...vou chorar. Eu acho que agora, estar aqui nesse momento está sendo muito importante pra mim porque eu me afastei muito disso aqui. Eu já estou quase terminando o curso e eu estou muito afastada da sala de aula nesse perfil da Dani e de vocês todos aqui. Me encontrar aqui de novo parece que meu coração já está totalmente preenchido e esses últimos meses não foram fáceis pra mim. Eu também tentei me matar há pouco tempo, não foi nem um pouco fácil, as coisas não estão fáceis, mas assim, só quero dizer que tenho muita gratidão por todos que estão aqui e essa coisa do fluxo mesmo, de um começar a falar e, eu estava assim, muito comigo mesma pensando "aí, o que vou falar, como que vou começar", porque eu já me via entrando em mim de novo ao invés de sair, que nem eu fazia quando estava ali no momento do cajón, e eu já estou me sentindo nesse momento de novo. Então, o cajón pra mim, além dessa conexão com todo mundo, de me perceber no outro, é de me perceber em mim mesma também. É um autoconhecimento extraordinário que eu não conseguiria ter em outro momento da minha vida e também de valorização dos pequenos momentos, porque esse afastamento de tudo e essa vontade de não viver mais, veio de não conseguir perceber as pequenas coisas da vida. E o cajón sempre me trouxe isso, pequenas coisinhas que assim, significam o mundo inteiro pra mim, uma borboleta pousando numa flor, eu tirava disso infinitas possibilidades pro mundo e pra mim mesma, pro mundo que está internamente. Então eu só tenho que agradecer de estar aqui agora, porque eu sinto que acabei de começar a me reencontrar de novo, e eu fiquei muito tempo travada, a Dani sabe que a gente ficou muito tempo sem conversar, quando eu estava com ela, quando ela estava me orientando, eu sentia essa coisinha que eu estou sentindo agora de novo, e o cajón sempre me ajudou a encontrar a melhor forma de me conhecer. Eu escrevia bastante e de uma hora pra outra eu parei, eu não conseguia mais escrever, e eu comecei a ficar louca, comecei a me afastar de tudo, e agora eu encontrei um cajón novo pra mim que é o desenho

e estou indo nessa. E estar aqui, está me ajudando muito, obrigada por todo mundo que está aqui, eu estou muito grata por esse momento.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

INGRID OLIVEIRA

Bom eu queria falar, quando eu fiz a disciplina, até já te falei, foi um dos períodos mais assim, que eu estava pensando em trancar o curso, que eu estava bem assim, eu não estava bem psicologicamente. E ir nas aulas de Ciências e Mídias me fazia um bem tão grande, que eu sempre ia, saía de casa pensando "vou trancar, vou trancar", quando eu estava na aula eu falava "não vou trancar", porque é muito bom. E o cajón é uma coisa muito importante, eu sou suspeita pra falar porque eu amo muito esse projeto. Eu acho uma coisa tão importante, porque assim a faculdade não é fácil, querendo ou não, todo mundo que está de fora que vê, que não está inserido dentro de uma faculdade fala "é só estudar", e não é só estudar, você tem pressão o tempo inteiro, você tem várias coisas, sem contar o mundo lá fora que você também tem que viver. Então, é uma coisa tão difícil de lidar que eu acho que é necessário um projeto como esse, porque você não sabe como o outro está, como ele está se sentindo, como foi o dia dele, o que ele está passando. Você começa a olhar o outro de uma forma diferente, você começa a se sensibilizar com a vida dele também, ela é tão importante quanto a sua. Em vários momentos eu quis abraçar várias pessoas nos depoimentos, que eu me senti muito sensibilizada, então assim, é uma coisa muito importante e eu também acho que só da certo porque é você, porque assim, parece que você tem um amor tão grande dentro de você que não cabe só ai dentro, você precisa dar ele pra outras pessoas. Então eu acho que o cajón é uma coisa muito importante.

[Áudio - Ingrid Oliveira](#)

DANIELA

Outro dia uma menina falou pra mim, uma coisa próxima do que você está colocando Ingrid, que ela falou assim "nossa professora, a gente fica com uma vontade de levantar e abraçar o colega que acabou de falar", só que a gente está tudo sentado e tem a mesa, e ela falou assim "a gente podia montar um outro momento,

que é o momento do abraço". Então, a gente vai planejar algo nesse sentido, porque acho que também é uma dificuldade nossa enquanto mundo, de você ter as demonstrações de afeto (...), que é aquilo que eu falo sempre, a gente está em um oceano de nós e se aproximar do outro, com essa entonação dessa comunhão que o Lucas está colocando, é um afeto em comunhão, é pelo que você é ali pra além do físico, é muito raro. E eu acho a coisa mais linda do mundo quando a gente tem o desejo de abraçar o outro, de dizer "nossa, eu estou contigo", e eu tenho a dimensão de que o cajón tem inúmeras limitações, que é isso que a Cecília colocou, você faz a partir disso, o que a Luiza está fazendo. As dores são extremamente profundas, mas é uma possibilidade da gente ter essa força do humano, daquilo que nos afeta não só em termos de afeto que a gente conhece do afeto do terno, da ternura, mas daquilo que nos afeta mesmo, e o que você vai fazer com isso, a partir do momento que você também vê que o outro está na tua.

[Áudio - Daniela](#)

LUIZA MACHAIM

Eu acho que quando a gente se abre pra falar a gente materializa as coisas, por isso as vezes os problemas aumentem, mas no sentindo de materializar a gente também pode pegar essa coisa e fazer o que a gente quiser com isso, com todas as nossas dores, desenhar, escrever.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

CECÍLIA FACHINI

Uma questão muito importante do cajón pra mim é que as pessoas estão dispostas a te ouvir, as vezes você fica morrendo de medo de falar pra alguém que você tem um problema que você não está bem, porque você acha "essa pessoa não quer saber disso, porque ela vai querer saber sobre isso", uma coisa ruim porque eu quero dividir isso com as pessoas. Mas nesse momento está todo mundo disposto a te ouvir e as vezes a pessoa vai te abraçar no final da aula pelo que você falou. Eu já fiz isso com algumas pessoas, e as vezes é só isso que você está precisando, ser ouvido por alguém, perceber que você pode se abrir, que você tem essa possibilidade, é uma das coisas mais importantes do cajón pra mim. Um ambiente onde

você pode se abrir, mesmo que as pessoas não saibam direito como lidar com os meus problemas, ninguém tem noção de como lidar, aqui não é uma turma de psicólogos, mas as pessoas estarem dispostas a ouvir e as vezes a pessoa falar assim "nossa, queria tanto de abraçar, porque eu acho que é a única forma que eu consigo fazer com que você se sinta melhor de alguma forma", isso já faz a gente se sentir melhor, só essa informação de você estar disposto a me ouvir e simplesmente ouvir, as vezes a gente só precisa falar e abraçar.

[Áudio - Cecília Fachini](#)

TIAGO AMARAL

Eu achei interessante que quando eu fiz Ciências e Mídias também não tinha o cajón (...) e eu estou vivendo o cajón na forma que ele está agora, então eu estou nesse processo também, e não como aluno, como estagiário, um pouquinho de fora, mas dentro também. Eu achei muito interessante porque eu sempre me via como uma pessoa extremamente aberta, só que daí de repente eu prestei atenção e que na verdade eu não sou, eu já fui, fui me fechando e criando cascas e é um reencontro assim, as vezes um choque, tipo, nossa, onde que foi parar essa sensibilidade que eu via dentro de mim e que foi sumindo? E eu notei algumas coisas que eu entendo a importância do cajón, de desenvolver a empatia dentro da turma e que isso vai para fora da turma também. Todo mundo aqui tem uma vida fora, convive com outras pessoas, com os amigos, com a família, estágios e incentiva a um olhar sensível do mundo, dos nossos objetos, nossas histórias, do mundo, para as fotos, do texto, pra tudo e isso motiva os estudantes a produzirem fotos, textos e isso tudo a partir desse olhar sensível do mundo. Sem uma rigidez e eu acho que isso é importantíssimo para professores, cientistas, acadêmicos, esse incentivo e motivação para gente produzir algo que seja nosso, e mais que professor e cientista para o ser humano, essa produção, esse olhar sensível e a gente produzir algo que venha de dentro da gente.

[Áudio - Tiago Amaral](#)

GABRIELLA CAIXETA

Eu acho que uma das dificuldades do cajón é de tentar transpor ele para um ambiente fora de sala, porque dentro da sala você realmente se sente acolhida, e se sente bem para falar sobre tudo aquilo que está incomodando, só que quando você tenta fazer isso fora, tem uma carga de julgamento muito maior. Por exemplo, eu estou tipo em um momento que eu sinto que tudo que eu faço de alguma forma está sendo testado e avaliado, qualquer coisa que eu fale vai estar sendo analisado por alguém pra saber se quero conviver com você ou não. E, depois do cajón eu acho que perceber esse tipo de coisa é muito mais fácil e como isso incomoda, por que antes eu acho que eu mesma era uma pessoa que não conseguia as vezes entender e perceber o problema das outras pessoas. Só que depois do cajón você passa a perceber isso e quando as pessoas não percebem o seu problema e não conseguem entender de alguma forma, aceitar que você está passando por esse problema, eu acho muito triste de aceitar (...) você passa por um monte de problema e por exemplo, transtorno de ansiedade eu conheço pessoas que tem crises muito feias, de chorar e não conseguir fazer nada, só que essa é a única crise que elas tem empatia, é a crise delas que contam, a sua crise, super diferente da dela não é tão importante, é motivo de ela, de ser julgado e taxar (...) e acho que isso incomoda muito, muito mesmo.

[Áudio - Gabriella Caixeta](#)

INGRID OLIVEIRA

Completando a fala do Tiago, sem contar que a gente para pra pensar o tanto que é fácil você não ter sentimento, não ter empatia por ninguém. É uma coisa muito fácil você não se importar com o outro, viver o seu dia a dia sem se importar até com você mesmo, "não, eu tenho que estudar pra prova, eu tenho que me formar, eu tenho que passar na disciplina" mas, e seu sentimental como está? Sua carga emocional que está carregando, você precisa colocar isso pra fora, muitas vezes a gente não dá conta do tamanho da carga que a gente está carregando, a gente não sabe, a gente só para pra pensar quando a gente tem uma oportunidade como essa. Você fala "nossa, estava mal" entendeu, eu precisava tirar esse peso de cima de mim e só agora que eu consegui. Então eu falo porque muitas vezes já aconteceu comigo, eu sou uma pessoa muito fechada e eu venho trabalhando isso

sempre, de tentar me abrir. Então é importante a gente falar, tá ruim, tá bom, fala, que vai te fazer bem, mesmo que seja um alívio.

[Áudio - Ingrid Oliveira](#)

TIAGO AMARAL

Eu acho que é mais fácil viver no mundo, do jeito que ele está sendo, fechado e insensível, porque quando você se abre pra escutar o outro, pra ver a alegria dele, você vai sentir aquela alegria dele, mas também vai sentir a dor. Você se abre, fica vulnerável de certa forma, mas será que, o que é uma vida fechada, insensível, de que adianta, onde vamos chegar, compreendendo o outro, se compreendendo ou ficando só no automático, acho que é mais difícil, mas compensa.

[Áudio - Tiago Amaral](#)

CAMILA SIQUEIRA

Vou tentar resumir do que eu acho que seja o cajón, é meio que um espelho, alguém colocou isso em algum dos cajón que eu fui, não lembro se foi no qual eu estava como monitora ou aluna, mas eu acho que é realmente essa ideia. Um espelho, porque vivemos em uma bolha social, tem que trabalhar, estudar, casar, ter filho, tem um roteirinho pra você seguir, mas e o meu eu? O que sou lá dentro? Então acho que o cajón possibilita pra você sair dessa bolha, entrar na sua bolha, no teu eu, o que sou, como sou, porque que eu sou assim. Me conhecer, a partir do momento que eu estou me conhecendo eu vou entender um pouquinho mais do que a sociedade é, e no que eu estou conhecendo a sociedade eu me abro para ouvir, para tentar entender o que o outro está passando. Então eu acho, eu penso um pouco diferente dos meninos, eu acho que me possibilita como profissional mesmo, como educador, me conhecer, porque a partir do momento que eu me conheço, que eu sei minhas limitações, que eu sei encarar os meus não, "não, eu não acho que isso seja o correto", o outro tem a possibilidade de me convencer do porquê que ele acha que é o sim, então eu acho que ser educador hoje, independentemente de qualquer área, é você se conhecer e permitir que o outro se conheça também e saber que talvez ele não concorde. Você não é obrigado a gostar de tudo que eu gosto e está tudo

bem e também não sou obrigada a gostar de tudo que você goste. Então eu acho que o cajón me possibilitou ver o meu eu, as minhas dificuldades dentro da minha casa, dentro dos meus relacionamentos mais íntimos e saber a minha limitação ali. E essas limitações internas é que vai me possibilitar saber as minhas limitações externas, que o outro que tá de fora, que não teve as mesmas relações, do que está tão próximo, vai ser completamente diferente. É outro mundo, são outras caixinhas dentro dele, se eu sou várias caixinhas, imagina o outro. Se a minha caixinha de relacionamento é azul e do outro é verde, a gente não vai chegar em um acordo se a gente não falar olha "a minha caixinha é dessa cor e a sua é de outra e está tudo bem". É saber falar que está tudo bem, só que a gente não concorda. Então eu acho que essa disciplina me possibilitou ver que a licenciatura não é uma matéria de miçanga que a gente tinha mania de falar na biologia. Que eu posso chegar e falar "olha, está tão quadrado que não é a minha matéria de miçanga que eu quero, que eu gosto", foram poucas oportunidades. Então eu acho que na hora que os meninos falam assim "se fosse outra pessoa", eu acho que eles estão olhando para os professores que eles estão tendo, que eles estão enferrujados ali, travados e que eles não estão se abrindo. Ninguém chega ali pra contar uma coisa boa, de falar "não, você também tem a capacidade", nem que seja por caminhos totalmente diferentes, ninguém abre portas, parece que todos os professores querem fechar as nossas portas e as vezes a gente fica meio surtado. Então acho que o que falta não é alguém igual a você, é alguém que tenha o mesmo tipo de empatia, de chegar em uma sala de aula e se disponibilizar a ouvir, a um aluno chegar com n problemas "não dá pra fazer uma prova - Então pega um atestado", não é assim que funciona, então eu acho que é esse tipo de empatia, e é esse tipo de ser humano que você está possibilitando a gente de enxergar e a transpassar futuramente, e que talvez nossos professores não tiveram essa oportunidade e aí está o nosso papel de chegar e falar "não, vamos tentar ver de outro lado, tem que ver que talvez assim seja melhor. Então é isso, eu acho que pra mim essa disciplina, esse momento me transformou nesse outro ser.

[Áudio - Camila Siqueira](#)

TIAGO AMARAL

Eu entendo que o cajón também não é uma fórmula, que vai ser replicado por outros professores. O jeito que ele está, é totalmente de acordo com o jeito que a Dani é, da personalidade dela, mas o cajón é uma reflexão, uma ou infinitas possibilidades que está junto de movimentos, que se outra pessoa tentar fazer um cajón, ela vai tentar fazer de outra forma, de acordo com ela, por que cada professor é de um jeito, a gente não tem uma fórmula pra fazer uma coisa. O cajón ele é contra fórmulas.

[Áudio - Tiago Amaral](#)

ANA LUIZA

Eu queria voltar no que a Gabi falou, da dificuldade de relacionar com as pessoas depois que eu vivi o cajón, e eu compartilho isso com você. Teve um dia que mandei vários áudios pra Dani falando "Dani, estou tendo muita dificuldade de conviver com as pessoas, que não estão nesse mesmo movimento, que não entendem, que não tem essa empatia, essa sensibilidade, o que eu faço Dani?", e ela falou uma coisa que não esqueço, que a gente tem que ter o olhar generoso para o outro, de você entender que o outro não está no mesmo movimento que a gente, de que ele não tem as mesmas vivências. Que eu acho que entra muito no que a Camila comentou agora, os outros professores são assim por não terem tido oportunidade às vezes. E eu tenho muita dificuldade de me relacionar lá fora depois de ter vivido o cajón, e a questão da empatia é muito forte para mim, por que, esse semestre eu não conhecia a Maria, não conhecia a Camila, não conhecia o Gabriel e em dois encontros eu passei a ter um carinho tão grande por eles (...) a gente troca sorrisos que é uma coisa tão pura, tão linda, que acho que só pelo que a gente viveu no cajón, eu não conhecia a Luisa e ela chegou aqui e me deu um sorriso tão gostoso, como se eu estivesse tomando café com você. Então, pra mim a empatia é muito forte também.

[Áudio - Ana Luiza](#)

HIGOR BIANCHINI

São coisas que não viveríamos em uma aula convencional, a estruturação da aula, o jeito que são postas as carteiras, as cadeiras aqui, é totalmente importante, diferente, e isso ajuda. Por que a Universidade força a gente ao individualismo, então quando a gente tem contato com algo assim, a gente fica feliz, a gente fica "nossa, se deleita com isso", e por isso que a gente fica aqui (...) eu até falei com a professora que assim, acabar Ciências e Mídias é como se a minha série favorita tivesse sido cancelada. Por isso foi muito gratificante, eu vim de transferência e lá não tinha isso, e meu primeiro semestre aqui na UFU foi com Ciências e Mídias, então me ajudou muito eu ter contato, porque é muito difícil você chegar transferido, não ter uma turma fixa, não ter as pessoas que você se uniu desde o início e eu fiz bastante amizade com o pessoal, foi muito importante.

[Áudio - Higor Bianchini](#)

CAMILA BEZZON

Eu queria retomar a fala do Tiago e acho que de todo mundo aqui, que vocês falaram que foi o momento que vocês entenderam pra escutar os outros, o meu foi um pouco ao contrário, eu sempre fui, pode não parecer as vezes, mas sempre fui meio tímida, e eu nunca tive problemas para escutar as pessoas, eu sempre fui muito aberta pra isso, mas eu nunca falei dos meus problemas pra ninguém (...) comentei com a Dani isso no cajón, pessoal vinha "nossa Camila, parece que está meio pra baixo e eu não, tá tudo bem, pode deixar que resolvo", e depois de resolver eu chegava e "então, lembra daquele dia", eu explicava a situação toda, mas depois que eu já tivesse resolvido isso. E, com a vivência do cajón, ao invés de ter mais essa abertura pra escutar eu tive uma abertura pra me sentir melhor pra falar e realmente foi sensacional. Eu tive essa abertura de comunicar para as pessoas meus problemas, porque eu sempre tive a sensação de que se eu conto pra alguém o meu problema a pessoa vai pegar o problema pra ela, e todo mundo já tem os trampo de todo mundo, então eu nunca quis passar os meus problemas para ninguém. E com a vivência do cajón eu vi que não é isso, que eu não estou entregando meu problema pra você resolver, e também não estou pedindo pra você me ajudar a resolver, pra alguém resolver pra mim, mas é só pra

tirar esse peso, que fica mais fácil de achar a solução no final.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

LUIZA MACHAIM

Eu só queria falar que tipo assim, as vezes falar é tão poderoso, porque pra outra pessoa que não consegue falar ou de primeira mão não consegue falar, e escutar outra pessoa, isso pode ser a maior salvação da vida dela, porque ela pode se identificar com o que você está falando e ela não vai precisar de nada além disso, de saber que tem outra pessoa que está passando pelas mesmas questões de problemas que ela.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

DANIELA

Isso que você [Luiza] colocou assim, esse semestre foi um dia extremamente assim, forte, porque a gente começou, acho que foi o segundo cajón, e ninguém tomou frente pra falar e a Maria falou, e fez um depoimento vivo na gente, e uma das meninas falou "eu não trouxe isso, por que o que eu ia trazer aqui era só um pedaço de uma coisa que não ia mexer comigo", mas ela mudou o depoimento dela em função da fala da Maria. Então acho que talvez, pela nossa formação, a gente não dê conta disso, de entender os processos de ajuda, e acho que é nisso, nessa coisa do simples, quando eu fui explicar pro moço da rede globo, que é o produtor, que a gente faz com objetos que vocês trazem, com fotografias que vocês trazem e com lápis e papel do que vocês escrevem, ele falou assim, "nossa, então não tem custo isso?", não tem custo, aí ele falou assim "nossa, então dava pra todo mundo fazer?", dá, é o simples, mas é a complexidade nesse simples. E acho que isso é um outro entendimento, que talvez a gente precise de um trabalho mais longo pra compreender, do que é essa rede que o cajón proporciona, rede de amizades, rede colaborativa, rede de afetos e também de resistências. Acho que isso é uma coisa importante, porque não é tudo que dá certo no cajón, a gente todo semestre vive momentos complexos, de não compressão, de algumas ausências e eu acho que o que falei pra Ana desse olhar generoso pro outro é o que eu vivo também em sala de aula. Ontem o rapaz da ADUFU²¹ que estava me entrevistando me perguntou,

²¹ A ADUFU - Seção Sindical é a entidade representativa de professoras e professores da Universidade Federal de Uberlândia.

"você acha que o você tem feito se assemelha a uma produção artística, uma obra de arte que um artista vai produzir?", no começo não entendi direito o que ele estava me colocando, mas depois eu fui analisando o que ele estava questionando, e eu acho que sim, no sentindo de que quando o artista faz uma obra de arte, se apropria daquela obra de arte e convive com ela, faz a interação que for, do teu jeito, naquilo que é a tua possibilidade, e eu vejo isso hoje nos estudantes, vai ter estudante que o cajón vai ser vivo pra ele desde o primeiro momento, outro que vai conseguir que o cajón faça sentido só no final do semestre, outro, sei lá..., daqui um ano, daqui dez anos, não sei quando. Então acho que é esse olhar generoso, tudo bem se pro outro o cajón não fizer sentido, tudo bem se a disciplina não fizer sentido, então Gabi, acho que é nesse envolvimento, não do afastamento, mas da compreensão generosa do outro, de que ele está em outro momento, de que ele está com outra bagagem de vida, de que ele não teve as mesmas oportunidades que você teve. Eu vejo que cada aula na disciplina é uma oportunidade para ser uma professora melhor, uma pessoa melhor, quando acho "nossa, esse semestre eu já vivi tudo o que podia chorar junto com essa turma, não vai ter nada que supere esse semestre", e a gente vem com uma outra, porque as pessoas são extremamente ricas em suas histórias, nas suas dores, nos seus interesses, nas suas curiosidades, então acho que essa é a beleza.

[Áudio - Daniela](#)

LUIZA MACHAIM

Posso colocar uma metáfora? Uma vez minha namorada estava passando por uns problemas, por umas questões, e ela veio com a seguinte fala, "eu não quero, eu não quero mais ser essa pessoa que tem a janela aberta, eu acho que seria tão mais fácil pra mim se eu fosse aquela pessoa que tinha a cortina fechada, e não estava enxergando mais nada além disso, porque eu não aguento mais sofrer", e eu acho que o cajón tem tudo a ver com isso. Ele é uma cortina aberta pra gente, de várias possibilidades, tanto alegria como tristeza como a gente falou, mas eu virei pra ela e falei assim "eu não me importo com nenhum sofrimento que eu possa passar, eu prefiro ter a janela aberta, escancarada, do que viver na escuridão pra sempre". E essa dificuldade que a gente

tem sai daqui, vai pra fora, convive com outras pessoas, por que muitas delas estão com as janelas fechadas e é muito difícil isso, e realmente se a gente tem a janela aberta, o sol está entrando, é pra gente também ter a consciência dessa generosidade que a gente pode transmitir para as pessoas que não conseguem ainda puxar a cortina.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

CAMILA BEZZON

Meu sonho é todo mundo fazer a aula da Dani (...) não é só da Biologia não, colocar todo mundo pra fazer a aula da Dani. Mas eu realmente entendo, acho que cada um faz a disciplina no momento correto, que eu sei que se eu não tivesse feito a disciplina semestre passado eu não teria aproveitado 100% da maneira como aproveitei, casou de uma maneira perfeita, pelo que passei, até a turma (...). Eu sei que se eu não tivesse feito a disciplina semestre passado, sem dúvida eu não seria a pessoa que eu sou hoje e se eu fizesse qualquer outro semestre não seria tão perfeito como foi semestre passado. Então apesar de querer muito, mas muito mesmo que todo mundo tenha sua hora, eu sei que não é todo mundo que vai aproveitar 100% por não viver o momento, por não casar do mesmo jeito que casou quando eu fiz. Mas na hora certa cada um vai encontrar o seu cajón, entender e vai ficar mais fácil.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

LUCAS GALVÃO

Uma coisa que me incomoda muito em todo esse processo de viver, de principalmente estudar, de escola, é que a gente não tem esses momentos normalmente. Sua aula foi uma completa exceção, e eu acho que isso devia estar de alguma forma presente nas outras matérias. Talvez a gente vivendo isso e meio que transferindo que seja a forma, eu queria que fosse mais humano você estudar. A gente foi pra uma escola semana passada, do projeto âncora e lá é tipo, uma proposta muito diferente, as crianças, a ideia é basicamente elas serem independentes e elas se relacionarem com as outras crianças, as crianças ajudam elas mesmas e você vê que aquilo ali é o natural, não é a gente ficar numa fila, cheia de carteira, olhando para um quadro, tem aquele "rolê"

de hierarquia do professor, as vezes salas diferentes não conversam umas com as outras e isso foi muito minha vivência, e tipo "putz, perdi tanta coisa".

[Áudio - Lucas Galvão](#)

DANIELA

Eu compartilhei com algumas turmas a minha dificuldade, de que é um certo receio, de você fazer algo que é inovador e que assim, tangencia o que é o proposto, mas que não é o proposto, e como eu poderia ser punida por isso. Então, o jeito que eu encontrei foi um jeito acadêmico de resistência, só que a gente tem inúmeras outras possibilidades, outras conquistas que a gente pode ir atrás. Eu penso assim, onde vocês forem atuar e se isso fizer parte do cotidiano de vocês, esse olhar sensível pro outro, pro mundo, valorizar o empático, não tem o que sustente o contrário, por que a tua vivência é essa aí. Eu não consigo ser uma outra pessoa, é aqui, é na festa, é na defesa de mestrado e doutorado, na qualificação, em casa, enfim, então assim, tá em mim. Uma vez, em um dos cajóns, depois que terminou, um dos meninos virou até meu monitor, ele veio falar pra mim assim, "professora, talvez você tenha sido a primeira pessoa aqui na Universidade que realmente tenha se importado", imagine gente, o que é você viver disciplina atrás de disciplina e você perceber que seu professor não se importa com você, que não quer saber de você, como que você constrói em um ambiente desse? Não constrói. Eu sempre fui uma professora muito querida, eu sei disso, eu tenho essa certeza, só que nos últimos três anos, eu me vi na vida e me vi na Universidade sendo a mesma coisa, antes não, antes eu via um movimento em sala de aula que não estava muito legal, eu ia lá com minhas desculpas, porque dá medo esse enfrentamento, dá medo você dizer pro seu estudante, na contramão, nadando totalmente contra a maré, daquilo que nos é ensinado, de que o professor tem que saber tudo, tem que dominar tudo, ter conhecimento de tudo e você dizer pro seu estudante "eu não sei, não sei o que fazer, não sei". Mediante inúmeros depoimentos a gente não sabe o que fazer, o máximo que dá pra gente fazer é levantar e dar um abraço no colega, e não custa nada em termos de investimento.

[Áudio - Daniela](#)

MARIA ALVES

O que eu ia dizer era a respeito desse movimento de transposição sabe, da necessidade desse movimento de olhar pra si mesmo, pra conseguir fazer o cajón. Quando a Dani trouxe a proposta da disciplina, no geral as pessoas ficam "hã? Pra trazer um objeto que reverbere em mim?", e daí você começa, leva as três semanas pra procurar esse objeto e pensar sobre o objeto e você entra nesse processo, eu acho que, desde o começo o cajón ele vem primeiro na introspecção, pra você conseguir chegar no momento de cajón e ouvir as outras pessoas, entender que você tem um espaço de fala também, e pra mim foi extremamente difícil assim, achar um objeto, achar uma fotografia, as vezes escolher um né, eu lembro que no segundo cajón da foto, eu falei "cara eu não quero levar a mesma temática", quero levar uma outra temática porque são muitas coisas, não é só uma coisa que reverbera em mim, são muitas e eu acho que isso é uma coisa muito legal no cajón também, são três momentos, então você tem no mínimo três oportunidades de se mostrar pra alguém, de formas diferentes.

[Áudio - Maria Alves](#)

INGRID OLIVEIRA

Eu queria falar assim, complementando a fala do Lucas, que quando você trabalha com educação, você tem que ter o campo do sensível sim, você lida com pessoas e você pode transformar as pessoas, a vida delas, tanto pra melhor, como pra pior. Então assim, você vai na aula de um determinado professor, por exemplo, e você vê que ele não se importa com você, que ele não tem nenhuma sensibilidade com a sua vida, não dá nem gosto de ir na aula entendeu. Então como é que você vai fazer isso, do que fazem de errado com você, você vai fazer com o outro. É uma coisa muito assim sabe, precisa dessa sensibilidade dentro da sala de aula sim, você está lidando com seres humanos.

[Áudio - Ingrid Oliveira](#)

Posso ler?

"A gente precisa mudar

Parar de ficar empurrando, deixe que os próximos façam

Não! Chega!

Não somos gerações separadas, somos todos transição da promessa de um futuro melhor, que só fica na promessa

Precisamos mudar, e não é para amanhã, é para ontem. É difícil e dolorido admitir que o que aprendemos está errado, mas tudo de novo passa e precisamos mudar para o mundo melhorar.

E não só precisamos mudar o que sabemos, mas o que ensinamos, sempre descobrimos algo novo, mas passamos o vale para frente.

Precisamos mudar como agimos, como pensamos e como falamos.

Parar de enrolar para amanhã o que pode não chegar".

Eu tenho mania de escrever coisas que ainda não fazem total sentido pra mim, é uma coisa que eu sei mas ainda não entendo totalmente, e quando vocês estavam falando sobre aquela escola, que os alunos tinham um poder e tinham o poder de decisão, eu penso muito nisso, tanto que eu tenho uma ideia pro meu projeto de TCC, que eu quero fazer com que a sala de aula seja um ambiente seguro para as pessoas. Eu já falei que passei por um monte de problema que, eu tenho só 20 anos e gente que vive a vida toda não vai passar, e a sala de aula foi um ambiente totalmente assustador pra mim. E eu falei que pra mim o oposto de depressão é fazer as coisas, e é sobre isso a poesia agora, não era quando eu escrevi, a gente fica falando, "não porque o professor não vai, o outro professor não vai fazer a mesma coisa", mas a gente passou por isso. Quando a gente for professor, a gente vai conseguir fazer isso, e a gente tem que pensar um pouco, eu acredito que a gente tem que pensar um pouco mais desse jeito, em como eu posso mudar, em como eu posso fazer o mundo mudar. A gente fala tanto para as crianças que elas não são capazes de mudar o mundo sozinhas e é por isso que o mundo não mudou, porque a gente acaba desistindo no meio do caminho. Então a gente tem que pensar um pouquinho a mais em como a gente pode mudar o mundo.

[Áudio - Cecília Fachini](#)

DANIELA

Eu acho isso que você coloca Cecília lindo, porque eu sempre digo essa coisa da brecha, da fresta, eu sinto como se tivesse um muro gigante na nossa frente, e a gente não vai conseguir mesmo que dando porrada no muro, explodir esse muro. Mas a gente consegue com o palitinho de dente ir cavoucando o muro, até que a gente consegue fazer essas janelas sabe, que a Luisa falou, que possa passar luz, então assim, talvez a mudança do mundo, seja realmente em nosso entorno (...) são tantos, tantos depoimentos, na hora que eu fui organizar a apresentação para o prêmio, que a gente não tem noção, das turmas que começaram a fazer o cajón nós já tivemos 200 estudantes. Então imagine, 200 estudantes tentando fazer pequenas mudanças, é uma força.

[Áudio - Daniela](#)

CECÍLIA FACHINI

Eu acho que isso é mudar o mundo, se você consegue tocar uma pessoa, e fazer ela pensar por um momento em qualquer coisa que seja, uma coisa da vida dela (...)

[Áudio - Cecília Fachini](#)

LUIZA MACHAIM

Eu queria compartilhar uma coisa agora, porque eu fiquei pensando quando a gente começou a falar sobre ser professor e tal (...) eu estou fazendo estágio 3 e acabou de terminar minha regência, eu estava em dupla com a Larissa e eu percebi que eu e ela fizemos cajóns na sala, pensei isso agora. A última aula foi totalmente, a professora queria que a gente terminasse o conteúdo, a gente apressou na aula anterior, porque a gente queria fazer uma despedida com eles, e nessa despedida a gente contou pra eles nossa história, com fotos, e com coisas que reverberam em nós, pra que eles se identificassem com a nossa história, e onde que a gente chegou, tipo assim, nós somos professoras agora, nós somos um casal, e muitos na nossa turma são lgfts e muitos deles já pensaram em se matar, fazer muitas coisas, a família não aceita, muitos problemas e a gente mostrou assim pra eles onde a gente estava, onde a gente tinha chegado, quem éramos nós, e o quanto a

gente se parecia com eles, e naquele momento ali eles falaram que foi o mundo pra eles e a gente recebeu várias anotações. A gente pediu que eles falassem um pouco deles também, e daí isso nos tocou demais, porque tinha cada coisa, então pra mim foi uma forma de cajón, em que eu só me dei conta disso agora, conversando com vocês. E que eu sei que a gente fez muita diferença na vida deles, inclusive a gente tem contato com eles até hoje (...) e até hoje eles nos procuram pra se abrir e tudo mais. E eu acho que é isso que a Cecília falou, da gente passar pra frente isso, isso que a gente tem aqui, que tem como sair daqui e ir pra uma aula de Biologia normal e levar isso, porque a outra professora deles, eles falaram "por favor, não vão embora", eles literalmente pegaram na nossa mão e falaram assim "não deixe a gente", e não tivemos o que fazer. Mas eu acho que aquele momento foi o momento certo e fez diferença total e é muito bom saber que fiz diferença na vida de alguém assim, não só de uma pessoa, de vários, como vocês fazem diferença na minha vida agora.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

TIAGO AMARAL

Eu acho que uma palavra que casa com o cajón é visceral, porque tudo que a gente vai vivendo, as pessoas vão compartilhando é tudo visceral, é uma coisa assim, que toca nossos órgãos parece, que a gente chora e ri, e esse visceral é meio que deixado de lado no nosso cotidiano, que a gente não tem um tempo.

[Áudio - Tiago Amaral](#)

DANIELA

Eu achei bonito no dia que eu fui apresentar o projeto no prêmio, e tinha uma plateia com umas 60 pessoas, 70, por aí, e eu levei alguns depoimentos, algumas coisas que eu anoto depois das aulas, que eu me recordo, nunca é a fala integral da pessoa, e outras que eu tenho de Messenger, whatsapp, e aí eu coloquei alguns assim e um dos slides tinha assim, uns seis depoimentos, e aí assim, foi muito forte, porque eu não tenho o nome de ninguém lá, mas daí eu fiquei extremamente comovida com um dos depoimentos que assim, toda vez que eu lembro, eu fico comovida

por que eu lembro da pessoa, eu lembro do estudante. E nesse momento que eu fiquei comovida eu vi que a plateia inteira estava comovida, a gente quase teve que passar uns lencinhos, e aí eu fiquei pensando que tem tanto espaço pra isso, tem tanto espaço, mas a gente acha melhor não né, mas o espaço existe, dessa coisa do sensibilizar com o outro, na tua profundidade mesmo. E eu acho que é isso, de como a gente também vai se mudando com essas histórias, eu acho que a gente sai daqui hoje muito mais fortalecido, em termos dessa escuta coletiva. Eu estava falando com a minha terapeuta, dessa coisa, porque você escutar também "Dani, é por você, você faz diferença pra gente", também me leva pra um lugar, que é um lugar que eu já me reconheço de responsabilidade na formação de vocês, mas como tornar esse lugar também leve pra mim, no sentido de saber que muitas vezes eu não vou dar conta, e aí as vezes eu fico em dúvida, "nossa, mas será mesmo que a gente tá fazendo tanta diferença?". Aí ela começou a colocar pra mim, que é essa dimensão do simples, que a gente vem de uma formação também que não valoriza o simples, e aí talvez, pelo que a gente tenha feito aqui, do que a gente vem fazendo seja tão simples, que é difícil a gente acreditar que esse simples faça a diferença.

[Áudio - Daniela](#)

CAMILIA BEZZON

Acho que na sociedade que a gente vive, você falou em questão de espaço e força, não tem mais espaço pra você se demonstrar forte, tipo, é tudo robotizado, quadradinho. Não tem mais esse momento de realmente sentar e tomar um café, porque acho que ao tomar um café que você realmente conhece a pessoa, de se abrir, de falar. Acho que na sociedade fora desse conhecimento é, se você se mostrar fraco, chorar, demonstrar algum sentimento a mais assim em qualquer coisa, isso não te denota forte, mas muito pelo contrário, pra todo mundo isso faz com que você seja mais fraco. E não é bem assim, então acho que muito pelo contrário, você demonstrando essa sua capacidade de sentir e de ainda assim lidar com tudo isso é que te faz mais forte, de compartilhar, com tudo isso que você acaba pegando. A Ana falou na entrevista que cada cajón, acho que não é cada cajón, é cada aula, cada convivência, a gente deixa um

pedaço da gente com cada um da sala e cada um da sala também deixa um pedaço com a gente, que a gente se constrói com isso e cada vez mais forte. Não necessariamente com as nossas experiências, mas com as experiências dos outros, a gente também escuta e vai sabendo, "poxa não deu certo desse jeito que ele fez, vou tentar de outra maneira então", demonstrando esse sentimento maior eu acho que a gente acaba se tornando muito mais forte do que se manter robotizado, dentro das caixinhas e tudo mais.

[Áudio - Camila Bezzon](#)

CECÍLIA FACHINI

Eu e minha irmã temos um movimento de elogiar pessoas de forma aleatória, porque um dia uma menininha, eu estava conversando com a minha irmã, não sei onde e eu lembro que a menininha passou pela minha irmã e falou "nossa, você é muito bonita" e saiu andando. E minha irmã passou o dia inteiro com aquilo, porque uma criança só parou e elogiou, e quando a gente deixa de ser criança a gente perde esse gesto de simplesmente ser honesto com a pessoa só porque a gente sabe que vai fazer a pessoa feliz. Então eu e minha irmã temos esse movimento, e as vezes você nem precisa falar algo pra pessoa, as vezes você sorri pra pessoa e ela fica melhor. Camila já me falou isso uma vez, é uma história que nunca vou esquecer, vou contar ela aqui. Ela chegou em mim um dia e falou "Eu estava um dia muito mal, não lembro o problema que você me falou, mas você só virou e sorriu pra mim, e seu sorriso iluminou o meu dia", e ela me falar isso iluminou o meu dia, e as vezes essas trocas de coisas simples, melhoram a vida de uma pessoa e a gente não percebe, que a gente fica esperando um monte de coisa grandiosa que não tem necessidade.

[Áudio - Cecília Fachini](#)

TIAGO AMARAL

Dani eu acho que você tem que ter a certeza de que você faz a diferença na vida das pessoas que fazem a disciplina e todo mundo aqui, acho que nós estamos em momento de consolidar o que a gente acredita e sobre o que a gente pensa de nós mesmos, e não cair nesse medo "nossa será que eu vou dar conta?". A gente erra ninguém é perfeito, mas assim, vamos ficar

firme, acreditar e reconhecer nossos valores, potencialidades.

[Áudio - Tiago Amaral](#)

LUIZA MACHAIM

Dani assim que começou a ter Ciências e Mídias, eu liguei pra minha mãe, lembro até hoje desse dia, falei "mãe tô tendo uma disciplina que nunca esperei na minha vida, nunca esperava que ia chegar aqui na faculdade e ter uma coisa dessas, nossa minha professora é muito maravilhosa" (...) eu sentia, quando eu fui colocar lá, Biologia-UFU, no ENEM, eu sentia que eu tinha que vim pra essa Universidade por algum motivo, e no dia que eu te conheci eu senti que era por causa de você. Esse é meu feedback pra você, esse momento, pra você entender a grandiosidade do seu toque em todo mundo aqui.

[Áudio - Luiza Machaim](#)

DANIELA

Eu costumo dizer assim, que eu tenho certeza, que cada um de vocês, vocês também vão ter a mesma oportunidade, de fazer uma diferença assim, gigante na vida de alguém. Que eu acho que isso, a fala da Luisa pra mim é um presente imaterial você leva assim e fala "nossa" (...) é em uma dimensão que não existe valor pra você colocar nisso, que é sensacional mesmo a gente ter essa oportunidade, e ter oportunidade de dizer, desse encontro, que é um carinho sem fim, que bonito que é, você ter a Universidade, a disciplina, o processo que te oportunize isso.

[Áudio - Daniela](#)

ELLIOT PARIZE

Eu queria contar um episódio que eu vivi, que eu fiz uma matéria, e aí tinha um amigo que eu vi que ele tinha faltado algumas aulas, fazia tempo que ele não ia na aula, aí quando ele voltou, ele chegou e simplesmente falei "nossa, fico feliz em te ver, que bom que você veio", sabe, pra mim foi tranquilo falar assim e aí no intervalo ele chegou e falou "nossa cara, eu não lembro a última vez que alguém falou que ficou feliz em me ver". E eu fiquei muito sem reação, muito emocionado e pra mim foi uma coisa tão natural do momento falar fiquei feliz em te ver,

que fiquei tipo, muito tocado e emocionado, que aquilo fez diferença na vida dele, eu até peguei e falei "cara, pode contar comigo, se tiver passando por algum momento, quiser conversar, tô aqui". Foi muito emocionante pra mim, simplesmente por umas palavras, mudaram a vida dele e o que ele estava vivendo. E eu queria finalizar que a gente pode fazer da vida um cajón, o cajón não morreu na disciplina, não morreu quando acabou Ciências e Mídias. Todo dia você pode fazer o cajón, o cajón está em nós, a qualquer momento, e pode permanecer com a gente.

[Áudio - Elliot Parize](#)

INGRID OLIVEIRA

Eu queria contar uma história também que aconteceu depois da disciplina, da monitoria. Eu tinha visto, é um cantor que eu sigo há muito tempo e de repente eu estava olhando os comentários na foto e fui comentar também. Daí eu vi que uma menina tinha comentado algo assim "é que meu dia foi tão ruim hoje", que o cantor era um dos motivos pra ela ficar feliz e tudo mais. Aí eu peguei e mandei mensagem pra ela, não conhecia a menina, de outra cidade, de Goiânia, peguei e mandei mensagem pra ela, falei "oi, tudo bem? Você quer conversar?", peguei e mandei pra ela no instagram, e aí a gente virou amiga, a gente conversa quase todo dia (...) depois disso ela pegou e falou que foi incrível eu ter me importado com ela sem conhecer ela, e ela falou que admira muito isso em mim.

[Áudio - Ingrid Oliveira](#)

DANIELA

Eu acho que é bacana pensar, o cajón é minha invenção, é um método inventado. Ele foi originado de uma necessidade que eu tive, que era de pensar essa sala de aula sem julgamento, não que não esteja sem julgamento, a gente vai com os nossos julgamentos, mas a gente vai dissolvendo esses julgamentos no momento do cajón, ao ver o depoimento do outro, ao vivenciar esse depoimento. E eu fico pensando, quanto que vocês terão oportunidades, no exercício profissional de vocês de criar muita coisa também por essa necessidade. A necessidade de fazer diferente, a necessidade de transgredir, a necessidade de fazer de uma outra forma, por que

aquela que vocês estão colocando do tradicional não está dando certo. Então, eu acho que o cajón vem com uma força também de acreditarmos na nossa potencialidade criativa, do criar.

[Áudio - Daniela](#)

ANA LUIZA

(...) Antes de finalizar e ir embora, queria dar uns mimos que eu trouxe para vocês, coisa simplinha, mas que tem muito significado.

Nesse momento entreguei uma cartinha que fiz para cada um, na qual explicava o significado da pedra branca escrito "reverbere-se" que os daria. contei que a intenção daquela pedra ali presente, não representava a dureza, e a inflexibilidade, mas sim, a eternização do momento vivido por todos nós, daquilo que não se desfaz. Que daqui a alguns anos, quando forem remexer em suas coisas, a encontrarem e possam reverberar novamente. Uma pedra com potencial de latência, de recordação viva, repleta de afetos compartilhados.

Diálogo com o encontro

O encontro começou nas boas-vindas, nos sorrisos que abraçavam, e nos abraços que acolhiam. A atmosfera era de reencontro. Reencontro com alguns que antes até não conhecia, mas que ao trocar um olhar, via que nos conhecíamos sim. Era o sentimento mútuo vivido, um sentimento de irmandade. Estranho e mágico narrar isso para vocês. É como se tentasse colocar em palavras o *incolocável*, como se os sentimentos tomassem minhas mãos e falassem por si. Naquela sala pairava um ar de íntimo respeito. Com o começo das falas todos nós mergulhamos juntos novamente. Adentrávamos sensações já conhecidas, emoções já compartilhadas, mas que agora nos perpassava de outras maneiras.

Maneiras que só foram possíveis por ter vivenciado com todos, durante um ano, a disciplina de Ciências e Mídias. Encontrei junto a eles, companhia para as angústias e incômodos sentidos que me moveram para essa busca na qual me encontro hoje. Eu não estava só em meus pensamentos, já era algo compartilhado, e isso fez com que me reconhecesse na fala dos outros, sem ao menos os ter conhecido antes. Essas vivências foram importantes para preparar o encontro, pois somente através dessas experiências que pude ter o olhar que tenho agora. Fui sendo sensibilizada aula após aula. Sem saber estava sendo preparada para o que estava por vir. Dentre essas vivências, destaco alguns aspectos que se sobressaíram, quando me deparei principalmente com sentimentos de insegurança, solidão e ansiedade. Sentimentos que atravessavam os medos presentes naquela sala. E enquanto narro para vocês, me incluo, pois também me vejo perfurada por esses sentimentos.

A insegurança foi assistida desde o primeiro cajón, onde a dificuldade de falar sobre si, de se expor, o medo dos julgamentos, de olhares de terceiros se fez muito presente. Mãos trêmulas, pernas inquietas, mãos coçando a cabeça, testas iluminadas por suores, coração não mais localizado no peito, mas na garganta, entalado ou pulsando para falar. Solidão, foram muitos os momentos que essa sensação se materializou, em suas lágrimas, em suas revoltas. Eram gritos silenciosos, ensurdecedores, desesperados para serem ouvidos em meio as ansiedades causadas pela sociedade que tanto exige a perfeição dos seus.

Procurando entender melhor esses sentimentos, fui em busca de Bauman, onde em uma de minhas leituras, pude perceber que o jovem hoje está sendo definido pelos seus medos e inseguranças, imersos em objetificações corporais e sentimentais.

Para Bungenstab (2014, p. 62) citando Bauman:

"(...) Podemos dizer, na esteira de Bauman, que há uma tendência de que as relações juvenis passem- na modernidade líquida - a se caracterizar como tendo um alto índice de insegurança e ansiedade, surgindo, por consequência, falta de confiança perante o outro e individualismo, ou seja, o jovem passa a se preocupar mais com o "eu" do que com o "nós", já que as relações de socialidade são sempre frágeis e efêmeras. Não revelar quem o jovem "realmente é" (a sua face) pode afetar moralmente esse indivíduo, pois, se pensarmos na esteira de Bauman, o jovem que vive trocando suas roupagens (máscaras), de acordo com os grupos específicos, teria dificuldade para decidir sobre suas ações de escolha e julgamento, sobretudo a respeito das decisões entre certo e errado, bom ou ruim".

A sociedade contemporânea líquida nos afeta, pois sabemos que somos inseguros, nos sentimos sozinhos, e isso se estende para além das relações juvenis. Amizade e solidariedade vivem em um *loop* de tanto faz. Foi muito presente depoimentos que incluíam a insegurança em relação ao seu próprio corpo, cabelo, vestimentas. De como se sentiam

perante o ambiente universitário, sendo ameaçados, diminuídos ou sufocados. De amizades e familiares repletos de ausências. Da dificuldade em sobreviver no hoje. Tivemos vários relatos de tentativas de suicídio, o que foi e é algo muito forte para ser vivido e compartilhado. Quando ouvia esses desabafos meu coração estremecia.

Bauman evidencia que "uma vez que a competição substitui a solidariedade, os indivíduos se veem abandonados aos seus próprios recursos" (2007, p.74). Em uma de suas falas, Camila coloca que dentro do cenário competidor da Universidade, enxergamos o colega ao lado como alguém que irá roubar sua vaga em algum laboratório ou estágio. Por sermos forçados a nos tornar competidores natos, em um mundo inundado por consumo, somos consumidos diariamente. Consumimos nossos direitos morais, sociais e políticos, e em meio a esse frenesi ficamos à mercê de nós mesmos, causando um efeito cascata em todos os aspectos da nossa vida. Não confiamos mais no outro, aliás, é arriscado confiar, uma vez que nos colocam como antagonistas na vida. Rivais, nos afastamos cada vez mais, nos trancamos em nossas próprias casas, reforçamos nossas bolhas sociais, optamos por envolvimento virtuais por serem de rápida dissolução. Higor nos coloca que o contexto universitário também impulsiona a individualização. Essa falta de pertencimento a um lugar acolhedor, que abrange desde as relações pessoais até as profissionais foi muito relatada durante as aulas e comentada no encontro. Era nítido o abandono social que todos ali naquela sala sentiam. Éramos corpos desabilitados de afeto, estávamos apartados.

Ainda dialogando com Bauman, "a solidão provoca insegurança, porém as relações não parecem provocar algo mais diferente" (2009, p.31-32). A insegurança e a ansiedade foram adjetivos muito usados pelos estudantes, ou que pelo

menos perpassaram suas falas, corroborando para o pensamento de Bauman sobre os efeitos das relações na atualidade. Ele ainda nos diz que "o mundo contemporâneo é um recipiente cheio até a borda de medo e frustração à solta que buscam desesperadamente válvulas de escape" (BAUMAN, 2000, p. 22). O encontro vem fortalecer essa ideia do cajón como sendo essa válvula. A partir dos depoimentos vemos claramente o cajón como um tanque de oxigênio. Ele nos desafogou e desafoga. Ingrid nos conta como que sua vivência com o cajón a estimulou a não trancar o curso. Luisa já nos diz que foi pelo cajón que ela encontrou uma melhor forma de se autoconhecer. Camila coloca o cajón como uma possibilidade de saída da bolha social imposta. Cecília descobriu que ao se abrir, sua depressão e ansiedade se abriam e esvaíam junto.

Ao ouvir que o cajón foi importante na vida de uma pessoa, a ponto de tira-la da depressão, de fazer com que ela passasse a se enxergar, a enxergar o outro, que fez com que se sentisse preenchida é algo muito intenso e nos leva a refletir sobre até onde vai a sua potência de afetamento. O mundo "interfere na forma com a confrontação do eu sensível e pensante com o rosto do outro" (BAUMAN, 2010, p.65). Assim como o cajón, que possui essa força de interferência. Ele é uma potência que nos dá o fôlego em meio ao afogamento. É uma brecha de ternura em meio a rigidez do muro que está a nossa frente.

O encontro foi mágico, nas palavras de Lucas, "um rolê religioso", pois para ele, estávamos em comunhão. O que tínhamos era sagrado, único. As falas ali presentes tinham força em suas palavras, não eram mais depoimentos sobre insegurança e solidão. Não que estivessemos livres desses sentimentos, não seria isso, mas sim de estarmos cientes das valas que cairíamos e que estávamos dispostos a sair delas.

É o entendimento e a significação da importância do coletivo e ao mesmo tempo da unicidade de cada sujeito ali presente. De uma escuta completa, preenchida de afeto. Nossos corações estavam em união. Reverberava em nós. A escuta foi algo de máxima importância para Cecília, e era tudo o que ela precisava, apenas ser ouvida. Ela não buscava soluções para seu problema, apenas uma escuta.

Pelos diálogos que pudemos presenciar, chegamos ao entendimento que dois pilares sustentaram esse encontro. Um deles foi a empatia, que foi sendo gerada a partir dos processos de alteridade e dialogismo. O segundo, foi a criação. Para isso, iremos ventilar com Bakhtin, Bauman e Spinoza para melhor entendermos.

Para Bakhtin:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (BAKHTIN, 1982, p. 41).

A palavra permeia toda e qualquer atividade humana, e não foi diferente no encontro, onde a partir dela que externalizamos os afetamentos. Pela palavra, Bakhtin retira o seu conceito básico de dialogismo, isto é, a relação de sentido que ocorre entre dois enunciados. "Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade". (BAKHTIN, 2006, p.113)". Em um dos momentos, Luisa aponta o quão poderosa é a fala, que por ela, pessoas se identificam e se salvam. E não é somente a palavra solta e seu significado, é a emoção que elas carregam em si quando saem da boca do outro.

"(...) quando assumimos os nossos sentimentos, damos muitas vezes a uma palavra que veio à mente por acaso uma entonação expressiva e profunda (...) quase todas as pessoas têm as suas interjeições e locuções favoritas" (Bakhtin/Voloshinov [1929] 1988, p.134).

"Ademais, é na entonação, por ela residir na fronteira entre o verbal e o não-verbal e o dito e o não-dito, que a palavra faz contato com a vida e que o locutor entra em contato com os ouvintes; nesse sentido, a entonação é, necessariamente, social" (Voloshinov [1926] 1981, p.194).

A entonação materializou todo o sentimento vivido no encontro, ela deu luz às palavras, reluziu, nos mostrou o verdadeiro sentido e significado de cada fala. A emoção, o choro, o riso, a gratidão, alegria e empatia eram claramente visualizadas pela entonação. Ouvindo os áudios percebemos isso com nitidez, não é preciso estar lá para sentir e entender. Foram palavras vivas. Pulsadas e entonadas.

Nas trocas e entre as trocas, compartilhamos eus-individuais pelo cajón. À medida que nos deixávamos atravessar, o eu já não se fazia mais sozinho, era uma polifonia²² de vozes dentro de cada um, se tornando eus-nossos. O dialogismo funda a alteridade vivida por nós, "o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro" (BAKHTIN, 1982, p. 329). Todo sentimento de empatia vivenciado no encontro evidencia o quão perpassados estávamos em relação ao outro. Estávamos todos juntos, todos por todos, em comunhão. Como exemplos de ação empática e de alteridade, trago Elliot e Ingrid, ato simples que repercute, gestos vivenciados após suas experiências com o cajón. Elliot ao notar a ausência do amigo, fez questão de comunicar sua felicidade ao vê-lo novamente, que se emocionou com a resposta do colega. Situação que o levou a refletir que podemos fazer da vida, um cajón, que não se extingue ao final da disciplina. Já Ingrid, ao ver um comentário em uma rede social, de uma desconhecida, dizendo que o dia dela tinha sido ruim, se sentiu tocada e se pôs em ação, se disponibilizando para a escuta. Acontecimentos que ocorrem

²² Para Bakhtin, a polifonia é "a multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto" (2008, p. 4 e 38-39).

quando paramos e olhamos para o outro, quando enxergamos em meio às cegueiras e correrias do dia a dia, quando vivemos a empatia e a alteridade.

A alteridade para Bakhtin se faz no entendimento de que tudo o que somos na vida se deu e se dá pela presença do outro. Construimos nossa identidade, nosso eu, em meio à interação. Só sou, porque você é. "Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (...) a começar pela minha assimilação delas (...) para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (BAKHTIN, 1997, p.383). Uma relação de não indiferença com a vida.

Nos constituímos através do outro. O outro está continuamente nos acabando (BAKHTIN, 1997, p.14), assim como Bakhtin, para Bauman nosso eu nunca é algo pronto, é inacabado, e sempre "é revelado como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir" (2005, p. 21-22) e, que vai sendo construída ao longo da vida, sem nunca estar definitivamente formada, graças às trocas sociais que se efetivam na socialização. No encontro, a sensação de acabamento não existiu, pois em cada nova fala, nos movíamos em outra direção. Sabíamos que ali seria apenas um começo de uma transformação contínua e aberta para o outro e para o mundo. Que não cabia espaço para o pronto, pois como o pronto, ele está completo, cheio, e nós não. Havia ali muito espaço para todos. A cada olhar, um novo reverberar.

Pensando na dimensão da completude, precisamos do outro para nosso acabamento, e nesse sentido Bakhtin desenvolveu o conceito de excedente de visão. O outro enxerga em mim algo que eu não consigo enxergar sozinha. O outro dá a mim o acabamento, pois não me vejo por inteira, apenas o outro, em sua posição, com sua visão única sobre mim, pode ajudar

a construir o todo que me define. Esse excedente está ligado à singularidade e insubstituíbilidade do lugar de cada um no mundo, porque nesse momento, nessas circunstâncias, eu sou única, todos os outros estão fora de mim.

“em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...] toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 2003, p. 21).

Miotello e Moura (2014, p. 175), nos cita Bakhtin (2006), onde ele nos diz que “o outro não é necessariamente uma pessoa, mas o lugar social em que o sujeito vive, a sua história e a desse lugar, as histórias que fazem parte da sua vida, as várias vozes trazidas de suas relações”. Reconhecendo aqui, a alteridade manifestada em uma cultura partilhada em seu lugar social. Assim, levamos a alteridade e empatia desenvolvidos pelo *cajón* e pelo encontro, não somente pelos depoimentos, mas por toda a atmosfera criada no coletivo, naquele espaço, naqueles momentos e para além. Um além que ainda se fez latente no encontro e que potencializou ainda mais a alteridade vivenciada.

O outro enquanto um objeto, uma história, um lugar, um gesto, um olhar também me possibilita esse excedente de visão, sem que haja, necessariamente, uma fala explícita voltada a mim. Uma relação de alteridade com esse outro-objeto, outro-história. Essa percepção só é possível quando estou em uma ação de responsabilidade comigo mesma, pois só consigo internalizar esse excedente numa relação de alteridade e de responsabilidade. O outro vai se conectando com minha bagagem de vida, com todos os acontecimentos, fazendo com que eu compreenda um pouco mais sobre a minha própria liberdade, que é a existência plena do ser. É o movimento de conseguir ancorar nesses vividos do outro, e

por meio desses trazer sentido a minha vida independentemente do álibi, por meio do meu ato responsável.

Nossa existência é inconcebível sem o compartilhamento, nos levando ao sentimento e necessidade de responsabilidade. "A partir do momento em que o Outro me olha, sou responsável por ele, sem ter assumido responsabilidades quanto a isso". (BAUMAN,2009, p.159).

Em termos de responsabilidade, Bakhtin, coloca:

"Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e a cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir" (2012, p. 44).

Para Bakhtin, o ato responsável é viver uma vida sem álibis, sem desculpas, sem mas. Assumimos a reponsabilidade pelo que pensamos, fazemos e falamos. Quando eu passo a ter esse ato responsável perante mim e ao todo, não sou mais conduzido por mídias, grupos sociais e influenciadores digitais, pois assumo uma postura, tomo posição em relação ao outro. Ao enxergarmos com empatia, passamos a transver o sujeito. Vemos além de um estereótipo imposto, e foi o que aconteceu. Depois de ouvirmos cada história compartilhada, nos sensibilizamos. A empatia se pôs a frente de cor, estilo, formas e status. Sendo responsável pelos meus atos, não me cabe mais enquadrar a pensamentos colocados. Sou livre! Possuo uma participação real, o que torna meu ato responsável.

Para Bakhtin "(...) ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade" (2012, p.99). Numa compreensão de responsabilidade com o outro, me torno consciente. Se sou responsável, sou consciente, sendo consciente, sou potente. Paraíso (2015, p.54) citando Spinoza, nos coloca que:

O programa ético de Spinoza consiste em sermos mais conscientes das causas que determinam nossos desejos e nossas alegrias, porque assim nosso comportamento será mais ativo, mais potente e mais livre (Spinoza, 2007).

E foi isso que aconteceu, com todo o movimento do cajón e do encontro, que possibilitou esse espaço para o nosso eu, esse espaço de escuta, fala, reflexão e exercício de empatia. Fomos nos tornando mais conscientes de nossas próprias vontades, desejos e opiniões. A partir do momento que assumimos essa responsabilidade com o outro, que reconhecemos nossas valas, que passamos a nos olhar com alteridade, mais livres de julgamentos e para além de estereótipos, abrimos espaço para um movimento de criação.

Essa criação deriva de um processo de ebulição. Ebulição de pensamentos que nos ajudam a criar. Criamos a partir daquilo que necessitamos. Vamos em busca quando o costumeiro é trivial, quando sentimos incômodos constantes, ausências latentes. A criação surge para nos tirar da linearidade, para dar fluência a esses pensamentos existentes, é fazer com eles e neles mergulhos dimensionais voltados a alguma ação organizada. É criação de oportunidades. Como o cajón, a partir do momento que ele nos permite a estar com o outro, vendo no outro o conforto de poder ser, ele abre espaço para criação, sem ter o olhar de julgamento do outro. Criamos ações, poemas e desenhos. Como Luisa, criando outras maneiras de cajón em suas aulas, ao falar de si para a turma na intenção de que eles se identificassem com sua história de vida, ela criou para eles a possibilidade de pela empatia, compartilharem e encontrarem respostas. Ela criou a partir daquilo que viu como sendo necessário.

Esse movimento de criação e potência vem do bom encontro. Nas palavras de Spinoza, tivemos um bom encontro. Para ele o bom encontro é "aquele que aumenta a potência de agir e produz alegrias" (SPINOZA, 2007, p.181). Nos colocamos em movimento. Para Spinoza, agir, é agir pela potência, é

sempre ir em direção à liberdade. O encontro foi uma soma de nossas forças, de nossas potências. Com isso, penso, através dos movimentos de alteridade e empatia dentro de um dialogismo existente, proporcionado pelo cajón, passamos a agir com responsabilidade perante uns aos outros. Tudo isso é potencializado pelo bom encontro, no qual posso ter um encontro alegre com histórias e contares permeados por angústias, solidão, perda e rancor. É olhar para essa mistura de sentimentos e conseguir fazer disso criação. É triste, mas o encontro é alegre, e a alegria é potente, porque criamos a partir dela. Onde corpos que por meio de seus aborrecimentos, se encontraram com alegria e se estimularam a partir dela, corpos conscientes, em busca de uma liberdade. Nesse fluxo, foram surgindo fissuras, onde nossa autonomia e protagonismo tiveram/tem força de atuação. De criação. Para Cecília, estar em movimento, criar, é o oposto de depressão.

Criamos a partir de nossas bagagens e singularidades vividas. Cada escrito, cada tema de texto, cada objeto escolhido nunca é aleatório, sempre vem carregado de nossas memórias e de nossas experiências. É um processo de escolha interna que fazemos, daquilo que realmente nos afeta e que só nós, por meio de nossas experiências, sabemos e temos o olhar sensorial, realizador e racional para cada coisa.

Essa força de atuação se deu na carnavalização do momento. Para Bakhtin:

"no carnaval "revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens" (1981, p.105).

Nós estávamos sem fantasias, cada um se despiu, removemos as máscaras sociais e as deixamos de lado. Estávamos ali sem álibis. Assumimos nossas fragilidades e nossos desejos no processo de estar com o outro. Fomos irreverentes a essa liquidez contemporânea. Somos resistência, dizendo que sim, o outro é importante e remamos contra essa maré.

Nosso encontro foi carnaval e com o cajón nós revogamos. Não tinha um melhor que o outro, estávamos de igual pra igual, e isso borbulhou de dentro pra fora. Entramos em processo de criação com tudo que tínhamos guardado e muito mais. Pelas fotografias, textos, intervenções e conversas, falamos de nós mesmos. Nos foi proporcionado o que sempre foi podado, a possibilidade de sermos. E somos!

Após tantas batucadas

O cajón me trouxe uma vivência empática, fui conduzida no universo do outro, do diferente, do inusitado. Só comecei a me entender e a me ver melhor a partir do momento que fiz o movimento inverso. Foi necessário enxergar o outro para me ver. As pessoas que se faziam presentes ali, estavam presentes. Nos entregamos e com isso veio um próprio autoconhecimento. Foi e é uma transformação contínua, um entendimento melhor sobre os nossos outros eus, antes talvez nem habitados, mas que agora se crescem. Como conversado no encontro, não temos a intenção de romantizar o cajón, o colocando como solucionador de todos os problemas, que todos se entregam. Sabemos que cada um está em seu próprio movimento e como tal, alguns simplesmente não estão disponíveis para a vivência, e tudo bem!

Para mim, o cajón foi desafoamento. Respirei depois de muito tempo angustiada. E continuo respirando, inflando meu peito com possibilidades. Antes, me encontrava sufocada, mal sabia o que fazer com os embrulhos que surgiam no estômago. Hoje, já os vejo como potências. Mudei, e continuo em uma constante transformação interna. Me sinto presenteada pela vida, pois minha dissertação foi muito além de metodologias. Resignificou o meu próprio eu.

Assim como o desenvolver desse projeto, que se inicia nas indagações e se encerra em meio as batucadas, em festa, também me coloco assim, nesse mesmo movimento. Mas não como um fechamento, um fim, algo que está acabado, muito pelo contrário, coloco um ponto apenas aqui, nessas linhas escritas. Para mim são reticências, é o ponta pé para as reverberações que ainda se fazem em mim.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 1 ed. Tradução de Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992 b.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 21. 2003.

BAKHTIN, M. M. 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. - 2' cd. -São Paulo Martins Fontes, p. 14. p. 383. 1997.

BAKHTIN, M. M. **Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais** - 7ª edição. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, p. 38. 1997[1979].

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 105. p. 113. 1981.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 4. p. 38-39. 2008.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN. M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, p. 6-7. p. 8. 1999.

BAKHTIN. M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). (trad. Michel Lahud; Yara F. Vieira). São Paulo: Editora Hucitec, p. 134. 1988.

BAKHTIN. M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, p. 41. p. 329. 1982.

BAKHTIN. M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, p. 113. 2006.

BAKHTIN. M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. Ed. São Carlos. p. 44. p. 99. 2012.

- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**, Zygmunt Bauman. Ed. Zahar, p. 12. p. 23. p. 97-98. 2004.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 20. 2008. 239p.
- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 31-32. p. 159. 2009.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 21-22. 2005.
- BAUMAN, Z. **Mundo Consumo: Ética del Individuos em La Aldea Global**. Buenos Aires: Paidós, p. 65. 2010.
- BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 74. 2007.
- BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 22. 2000.
- BUNGENSTAB, G. C. **Zygmunt Bauman: Da juventude sólida para a juventude líquida**. Cadernos Zygmunt Bauman. ISSN 2236.4099. vol. 4, num. 8, p. 62. 2014.
- CARVALHO, R. B. **Alternativas para a proposta de Zygmunt Bauman**. Cadernos Zygmunt Bauman, on-line, Universidade Federal de Uberlândia, vol. 4, num. 7, p. 3. 2014.
- CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, p. 48. p. 51. p. 158. 2011.
- CRUZ, D. N. da; CARDOSO, J. S. **A discussão filosófica da modernidade e da pós-modernidade**. Μετόνοια, São João del-Rei/MG, n.13, p. 43. 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, p. 77. 2011.
- LÖWY, M. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez. P. 70. 2000.
- MIOTELLO. V. MOURA. M. I. **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 175. 2014.
- PARAÍSO. M. A. **Um currículo entre formas e forças**. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 54, jan.-abr. 2015.
- DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18443>
- ROWE, J. **"Reach out and annoy someone"**. Washington Monthly, nov, p. 81-82. 2002.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, p. 181. 2007.

VOLOSHINOV, V. N. **Le discours dans la vie et lê discours dans la poésie** (1926). In: TODOROV. T., p. 194. 1981.

ZUMTHOR, P. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: Hucitec, p.14-15. 1997.